

ILUSTRAÇÃO



2.º ANO
NUMERO 32

Lisboa, 16 de Abril de 1927

PREÇO
4\$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

VERAMON



MIRENBACH



**Se sofre de dôres
é porque o quer.**

Tomando um ou dois comprimidos de VERAMON-SCHERING desaparecerão rapidamente suas dôres da cabeça, dos dentes assim como os incomodos da menstruação. O Veramon não produz sôno, nem ataca o coração. Aceite só o empacotamento original: tubos de 10 e 20 compr. de 0,4 gr.

Chemische Fabrik auf Actien (vorm. E. SCHERING.), Berlin N. 39



V. Ex.^o pôde acender um cigarro
com PONTA MARFIM pelo lado
da ponta e não encontra dife-
rença no paladar nem mau sabôr

DE RESZKE

**"VIRGINIAS"
e "TURKS"**

**OS CIGARROS PREFERIDOS
PELOS
CANTORES E ORADORES**

**A' VENDA EM TODAS AS TABACARIAS
DE LISBOA E PORTO**

Os preços dos "DE RESKE" "VIRGINIA" e
"TURK" são 6\$50 por 20, 15\$00 por 50, em
Lisboa, e 7\$00 e 16\$00 no Porto.

Distribuidores em Lisboa, TABACARIA INGLEZA
Distribuidores no Porto, M.^c CRORIE & PEIXOTO
Importadores para Portugal: H. MITCHELL, L.^{da}

Os
autenticos
Saes de Fructos
"SIGLA"

os unicos que não amargam, nem irritam e são superiores aos seus similares.

Vendem-se nas boas farmacias

Exijam esta marca



Deposito geral: FERREIRA & NEVES L.^{DA}

R. dos Bacalhoes, 121, 2.^o

LISBOA
T. C. 268



A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradável e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ab lactação e durante o periodo da crecidião.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C^o), 6, Rue de la Tacherie, PARIS



PETROLEO

M. d. F.

HAHN



PARA O CABELO

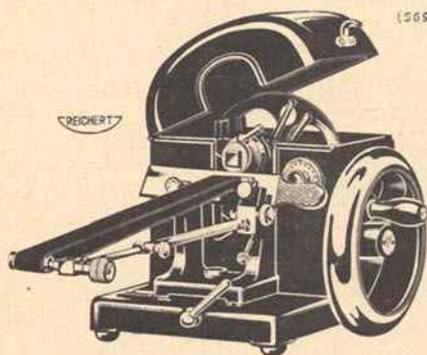
Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 24\$00 FRASCO PEQUENO 17\$00
VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: J. DELIGANT, L.^{da}

15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA

Microscópios, Micrótomos



(Microscópio Reichert)

Aparelhos de projecção
C. REICHERT

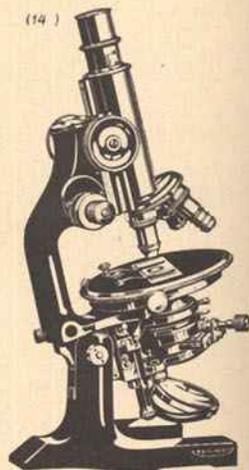
DE

Viena de Austria

Representantes exclusivos

para

Portugal e Colonias



(Micrótopo Minot de Reichert)

INSTRUMENTOS CIRURGICOS

Sôros e Vacinas — Laboratórios Mulford de Filadelfia

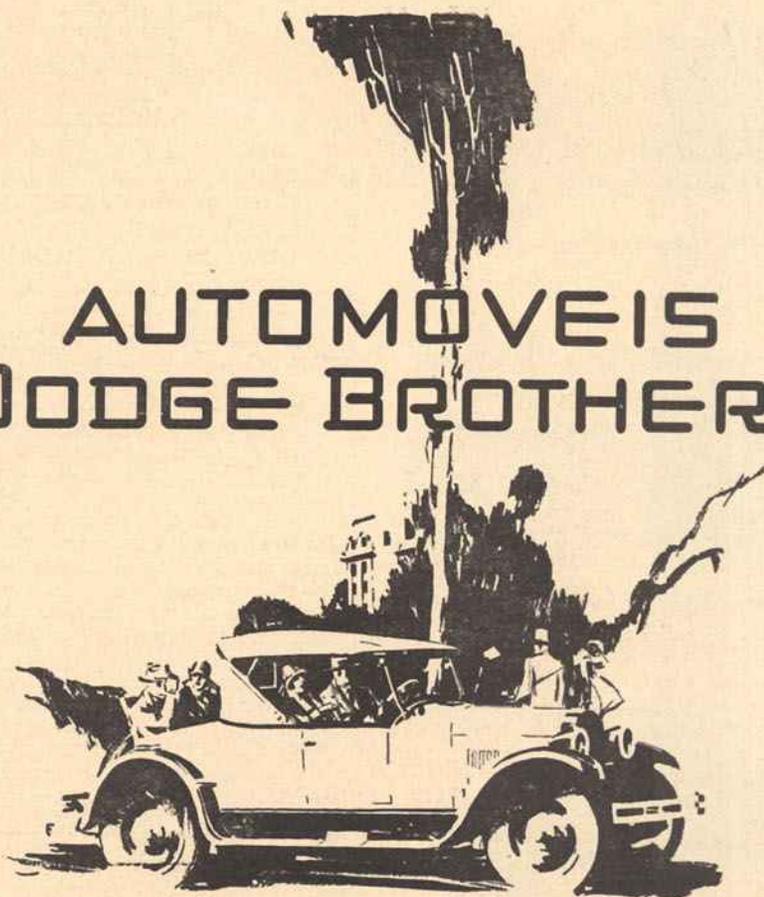
Estabelecimentos ALVARO CAMPOS

Tel. C.
1 0 1 7

Largo do Chiado, 12 — LISBOA

Telegr.:
ALCALI

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS



Requintadamente Elegante— Extremamente Conveniente

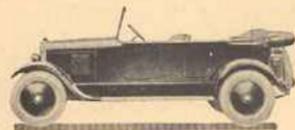
Para o automobilista caprichoso, que gosta de guiar o seu automovel, nada ha tão seductor e tão facil de manejar como o Roadster de Sport Dodge Brothers.

Eis um carro digno de apreço, tanto pelas linhas aiosas do seu contorno como pela estabilidade tradicional da construção Dodge Brothers. Um carro que alem da

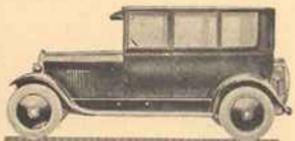
sua linda apparencia offerece a conveniencia de um commodo e moderno assento supplementár— proprio para dois passageiros ou para um creado—, apresentando uma trazeira esguia e elegante quando é utilizado o assento.

Este carro está cada vez mais em voga em todo o mundo pela sua extrema elegancia e reconhecida conveniencia.

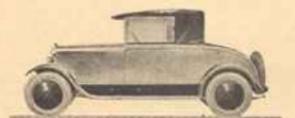
BERNARDINO CORRÊA, LTD.
LISBOA PORTO
1, Avenida da Liberdade 21, Avenida dos Aliados



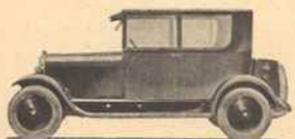
Torpedo de Jato, 4 lugares — 21.500\$00



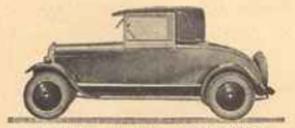
Condiute interior, 4 lugares — 20.500\$00



Cabriolet, 2 lugares (e a retro) — 20.000\$00



Guach-Jato, 4 lugares — 20.000\$00



Condiute-interior, 4 lugares (e retro) — 20.500\$00

CITR

O grande fabricante de automóveis e um dos primeiros industriais franceses, acaba de instalar um novo serviço de entregas para Portugal e Espanha, nos seus grandes armazéns e oficinas em Irun (Fronteira Espanhola).

Desta forma todos os compradores de carros desta marca, fazendo um longo passeio através do norte da Espanha, atravessando os Pirineus e podendo visitar as grandes cidades de S. Sebastian, Burgos e Salamanca com as suas respectivas e imponentes catedrais, adquire o seu carro por um preço tão extraordinariamente reduzido, que a diferença lhe paga largamente os despesas que tenha a fazer com a sua viagem.

São três dias os necessários para vir de vagar de Irun à nova fronteira, por magníficas estradas, onde os nossos carros se achão beneficiados em fazer os primeiros 1000 quilómetros.

Tudo o serviço de transporte dos automóveis entre a fabrica, em Paris, e os depósitos, em Irun, é feito em condições especiais.

Estamos habilitados a fazer entrega dos modelos abaixo para encomendas tomadas 15 dias antes.

Tabela de Preços em francos, para Carros postos nos Depósitos "CITROËN" em Irun (Espanha)

B 14	
Chassis 100	16.500
Chassis habilit. para 2 lugares	16.500
Torpedo de Irun	20.000
Condiute interior	20.000
Torpedo cabriolet (2 e 3 lugares)	21.000
Condiute-Interior (2 e 3 lugares)	21.000
Taxi completo	20.000
Torpedo completo	20.000
Normandie	20.000
Bulgarete, av. cond.	20.000
Livraison av. cond.	21.000
Amfibulantes (2 marchas)	20.500

B 15	
Chassis 100	17.000
Chassis habilit.	16.500
Camionete, av. torp.	18.500
Camionete, av. cond.	18.500
Livraison	18.500
Platino, av. torp.	18.500
Platino, av. cond.	19.000
Pizalierne, av. cond.	20.750
Amfibulantes (2 marchas)	20.000



Leodadiu-taximeter — 27.500\$00

OËN

Os carros serão entregues com todos os documentos necessários para atravessar a Espanha e com o respectivo certificado de origem para despacho em Portugal.

Os mesmos modelos entregues nos nossos stands de LISBOA ou PORTO costumam:

Os modelos "preços especiais" para carros completos, com motor-marcha, iluminação e arranjos elétricos, ferramentas e 4 rodas substituídas com pneus "Michelin" tipo "Contax" com 4 rodas latentes e travões de 6 rodas

B 14		800000	
Chassis 100	15.000	15.000	15.000
Torpedo Luto	18.500	18.500	18.500
Condiute Inter. Luto	20.000	20.000	20.000
Guach 1000	20.000	20.000	20.000
Torpedo-Cabriolet 2 lugares	20.000	20.000	20.000
Condiute Inter. 2 lugares	20.000	20.000	20.000
Guach Jato	20.000	20.000	20.000
Guach de Ville	20.000	20.000	20.000
Camionete Torpedo	20.000	20.000	20.000
Normandie	18.000	18.000	18.000
Bulgarete av. cond. Inter.	19.000	19.000	19.000
Taxi de Livraison av. Cond. Int.	20.000	20.000	20.000
Amfibulantes com 4 marchas	20.000	20.000	20.000

B 15		PARA 1000 QUILOS	
Chassis 100	16.000	16.000	16.000
Chassis com guarda-lamas e electricos	16.000	16.000	16.000
Camionete av. Torpedo	19.000	19.000	19.000
com suber. 1 av. Cond. Int.	20.000	20.000	20.000
Taxi de Livraison av. Cond. Int.	21.000	21.000	21.000
avant Torpedo	18.000	18.000	18.000
Platino av. cond. Inter.	19.000	19.000	19.000
Pizalierne av. cond. Inter.	19.000	19.000	19.000
Amfibulantes com 4 marchas	20.000	20.000	20.000

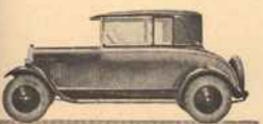
Todas as encomendas deverão ser acompanhadas de 25 % de seu valor, sendo o saldo pago nos nossos escritórios antes da partida para Irun, ou naquela cidade antes a entrega dos respectivos carros.

Pedidos aos concessionários para PORTUGAL e ILHAS:

Eduardo Roza, Limitada

44 e 48, Avenida da Liberdade, 92 e 98

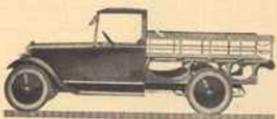
LISBOA



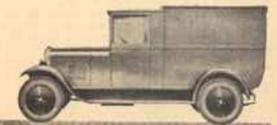
Condiute-interior, 4 lugares — 20.500\$00



Carro de entrega, Luto 3.7 — 23.500\$00



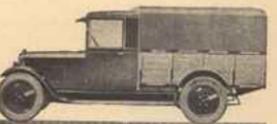
Camionete-platino, Luto 3.7 — 18.000\$00



Carro de entrega, 500 3.7 — 20.000\$00



Camionete Normandie, 500 3.7 — 18.500\$00



Camionete, Luto 3.7 — 19.800\$00

O MAIS FINO CAFÉ É O DO

Café Chiado

o mais elegante e confortavel de Lisboa

ALMOÇOS :: CHÁS ELEGANTES :: TORRADAS



GARCEZ, L.^{DA}

Chiado, 88 - LISBOA

Representantes de

**CONTESSA NETTEL
& GEVAERT**



A maior colecção de aparelhos fotograficos de todos os modelos existentes em Portugal.

Chapas, papels e as celebres pelliculas e film pack que dão as melhores fotografias em todos os aparelhos.

GEVAERT

**BAIXA DE PREÇOS NOS APARELHOS
CONTESSA NETTEL**

Todos os accessorios para fotografia e trabalhos de revelação, copias e ampliações para amadores

MERCADO INTERNACIONAL EM LISBOA

DE PAULINO FERREIRA

Rua Nova da Trindade, 23-25 — Rua da Palma, 95-99

**EXPOSIÇÃO E VENDA DIRECTA AO PUBLICO
POR CONTA DE FABRICANTES ESTRANGEIROS**

**Colossal sortimento de SERVIÇOS DE JANTAR
desde esc. 395\$00**

Serviços de café, chá e toilette. Jarras e bibelots em porcelana, vidro, biscuit e metal. Licoreiros. Chavenas para café, chá e caldo. Estatuetas em biscuit e marmore italiano. Caixas para bolachas, bonbons, amendoas, pó de arroz. Relogios em biscuit. Tinteiros e serviços para escritório. Copos de vidro, cristal e fantasia. Caixas de papel de carta.

TODOS OS ARTIGOS TEEM OS PREÇOS MARCADOS

Todas as porcelanas são das melhores fabricas da Bavaria e da Bohemia

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL: 13.500:000\$00

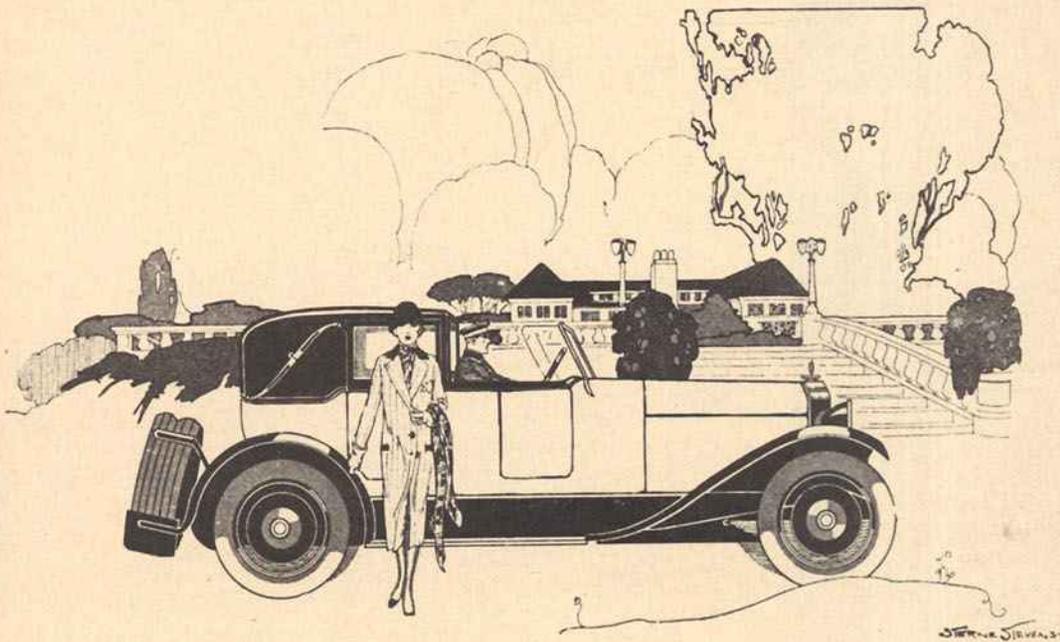
SÉDE — Rua do Comercio, 148 — LISBOA

CAIXA FILIAL NO PORTO

Agências em todas as capitais dos distritos administrativos do Continente e Ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã, Figueira da Foz, Guimarães, Lamego e Setúbal, e Correspondências privativas em Elvas, Extremoz, Loulé, Moura, Olhão, Portimão e Vila Real de Santo António

Correspondentes nas principais terras do País e mais importantes praças do Estrangeiro

OPERAÇÕES — Descontos, transferências, empréstimos e créditos em conta corrente, compra e venda de cambiais, cartas de crédito sobre praças estrangeiras, depósitos de dinheiros e valores e todas as transacções que pela natureza especial da sua instituição lhe são permitidas.



Excelsior-Albert 1.^{er}

(Seis Cilindros "ADEX" de grande luxo)

CHASSIS "hors serie" que anualmente só duzentos privilegiados pódem adquirir

BREVEMENTE:

- 1 Torpedo, 4 lugares, **SUPER SPORT**, de grande luxo, três carburadores.
- 1 Conduite, 6 lugares, com vidro de separação interior, de grande luxo.

Equipados com: Estabilizador **ADEX**, travões ás quatro rodas em sistema diagonal conjugados com serve-frein. Ajustagem instantanea e auto-lubrificação de todas as articulações, etc.

ESTES CARROS DO MODELO 1927, SÃO OS PRIMEIROS QUE VEEM PARA PORTUGAL

Agentes exclusivos:

ALMEIDAS & COMPANHIA, LIMITADA

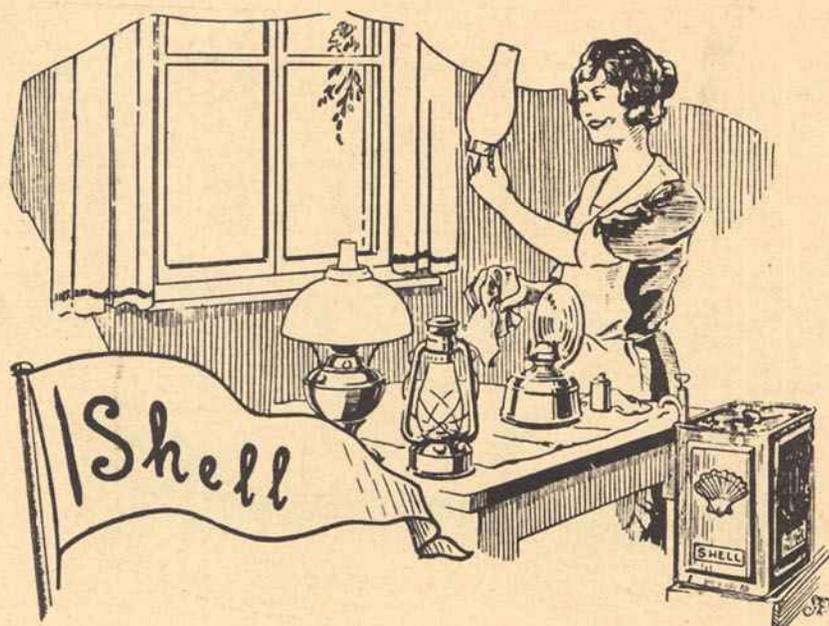
Clerigos, 80
PORTO



Sub-Agentes no Sul:

A. M. ALMEIDA, LIMITADA

43, Rua da Escola Politecnica
LISBOA



Para duplicar a duração e conservar sempre limpos vidros de candieiros, torcidas, bocais e carburadores de fogareiros de petroleo, etc., exija-se sempre

PETROLEO SHELL

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º

Rua do Crucifixo, 49 — LISBOA

Depositários em todo o pais

BERTRAND (IRMÃOS) L^{DA}

**OS MAIORES ATELIERS
DE GRAVURA DO PAIS**

**TRAVESSA
DA CONDESSA DO RIO 27**

TELEPHONE TRINDADE 96

**TRICROMIA
FOTOGRAVURA
ZINCOGRAVURA
E DESENHOS**



AUTOMOBILISTAS!
NUNCA COMPREM GAZOLINA ÀS CEGAS.

Uma gasolina qualquer não pode dar os bons resultados que V. Ex.^a espera tirar do seu carro.

Um bom automovel merece uma gasolina de qualidade superior e um carro usado exige-a.

Cada gota de AUTO-GAZO representa mais força no motor e mais entusiasmo pelo automobilismo.

O seu carro andará melhor se V. Ex.^a empregar so

Auto-Gazo

a gasolina
que inspira
confiança

VACUUM OIL COMPANY

15, RUA DA HORTA SECA, 17-LISBOA

TELEFONE 980 TRINDADE (7 LINHAS)



Mobil Oil

Guie-se pela nossa tabella de recommendações



COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 25—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}

R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR:

JOÃO DA GUNHA DE EÇA

DIRECTOR TÉCNICO:

FELICIANO SANTOS

ANO 2.º — NÚMERO 32

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE ABRIL DE 1927



A SR.^ª D. MARGARIDA BASTOS FERREIRA

(Cliché Sam Payo — Reprodução interdita)

QUE REPRESENTA PORTUGAL NO CONCURSO INTERNACIONAL DE BELEZA DE GALVESTON

NA CAPA: MISS PORTUGAL (Cliché Sam Payo — Reprodução interdita)

CRÓNICA DA QUINZENA

Vai farto em aniversários de passamento de homens célebres o ano de 1927. Para não ir mais longe, na segunda quinzena de fevereiro comemorou-se o bi-centenário de Pestalozzi, o apóstolo da educação elementar, e o (como direi?) bi-centinco-centenário do filósofo Spinoza, nascido em Amsterdam de uma família de judeus portugueses. Na primeira quinzena de março, celebraram-se, no mesmo dia, se não estou em erro, os centenários de Laplace, o célebre astrónomo, autor da *Mecânica celeste* e da *Exposição do sistema do mundo*, e do físico italiano Volta, conhecido, entre outras coisas, por ser o inventor da primeira pilha eléctrica. Por último, nos fins da segunda quinzena de março, a que se refere a presente crónica, tivemos o centenário de Beethoven e o bi-centenário de Newton.

Deixo aos críticos musicais Beethoven de quem mais não saberia dizer que a minha admiração pelo maior, talvez, entre os titãs que se propuseram escalar os céus, não «cumulando serra sobre serras», mas sublevando, a poder de génio, dos abismos da eterna dor e do eterno amor, vagalhões sublimes de harmonia.

Suponho que a uma boa parte dos leitores da *Ilustração* não será desagradável conversar alguns momentos a respeito do ilustre astrónomo e matemático, descobridor da *lei da gravitação universal*. Mas, não quero deixar de dizer que deplorável foi que a comemoração de Spinoza passasse indiferente às academias e faculdades de letras portuguesas. A história intelectual de Portugal não é tão rica em filósofos que possamos desprezar qualquer quinhão, por menor que seja, que legitimamente nos pertença. Ora Spinoza, filho de portugueses, conservava, diz um dos seus biógrafos, mais de uma feição do carácter português. E Spinoza é um dos grandes nomes da história da filosofia moderna. A sua vida, absolutamente coerente com a sua filosofia, é um exemplo; a sua moral é das mais altas que se podem conceber; e, se o seu método filosófico, inteiramente dedutivo, partindo de definições postas *a priori*, não se compadece com os processos actuais de reflexão filosófica, todavia o seu sistema é um dos mais típicos e mais bem ordenados de uma das formas fundamentais de resolução do problema filosófico — *monismo, dualismo, pluralismo*. — Elas

são, por ventura, eternas, pois correspondem a existência permanente de três grandes famílias de espíritos: os dominados pela necessidade de *unidade*, de repouso completo do espírito numa construção logicamente encadeada a um princípio único; aqueles a quem, acima de tudo, impressiona, nas coisas, o aspecto *oposição*, luta, antinomia — positivo e negativo, acção e reacção, atracção e repulsão, combinação e decomposição, nascimento e morte, progresso e decadência, bem e mal, prazer e dor; finalmente, os espíritos, mais observadores e críticos do que sistemáticos, aptos, sobretudo, a notar as diferenças, a registar a *diversidade* dos seres e dos acontecimentos.

Pelo que respeita a Isaac Newton, é ele um dos maiores génios científicos de que se ufana a humanidade, e os ingleses nutrem por tudo quanto se prende a sua memória um verdadeiro culto. Muitos foram os trabalhos com que contribuiu para o progresso da ciência, mas sobre todos eles, três descobertas avultam. Uma, a do *método das fluxões*, deu lugar a uma questão de prioridade entre ele e Leibniz, questão hoje liquidada. A verdade apurada é que ambos chegaram a resultados semelhantes por caminhos independentes, e tendo pontos de partida diferentes.

Outra das suas grandes descobertas foi a da *decomposição da luz* por meio do prisma, mostrando-a composta de raios de diferente refrangibilidade, denominados *cores simples*: vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, anilado e roxo. Mostrou ainda Newton que todos os corpos efectuam a mesma decomposição da luz absorvendo umas cores e reflectindo as restantes, sendo devido a estas últimas a que nos chamamos a *cor dos corpos*. Quanto esta descoberta tem sido fecunda, particularmente no domínio das artes, não há ninguém que o desconheça.

Finalmente, a descoberta da *lei da gravitação universal*, a maior glória de Newton, é um dos exemplos mais típicos do método científico em astronomia. É corrente, a este propósito contar-se que, em Agosto de 1665, tendo sido licenciados os estudantes de Cambridge, por efeito de uma epidemia, Newton, que se tinha retirado para sua casa de Woolsthorpe, achando-se, numa noite de luar, sentado no seu pomar, viu cair uma maçã; e que este simples facto o levou a reflectir sobre

a natureza da força que arrasta os corpos próximos para o centro da terra enquanto que a lua e os outros astros não caem.

A anedota está muito longe de ser autêntica: o que se sabe, apenas, é que ao regressar a Cambridge, em 1666, Newton estava já de posse da parte essencial da sua descoberta: mas como nessa data se atribuía ao raio da terra um valor superior (um sexto) ao valor exacto, os seus cálculos não lhe saíram de acôrdo com a teoria, e ele não se abriu a ninguém. Foi só em junho de 1682, um dia que ia a entrar no *Royal Society*, em Londres, que ouviu falar dos resultados obtidos por Picard na medida de um grau do meridiano. Tomou nota, e ao chegar a casa tratou logo de refazer os seus cálculos de 1666. Desta vez, o comprimento do raio da terra era exacto, e Newton viu confirmada a lei descoberta dezasseis anos antes. A sua comção foi tão grande que não pôde acabar os cálculos, e pediu a um amigo que o fizesse.

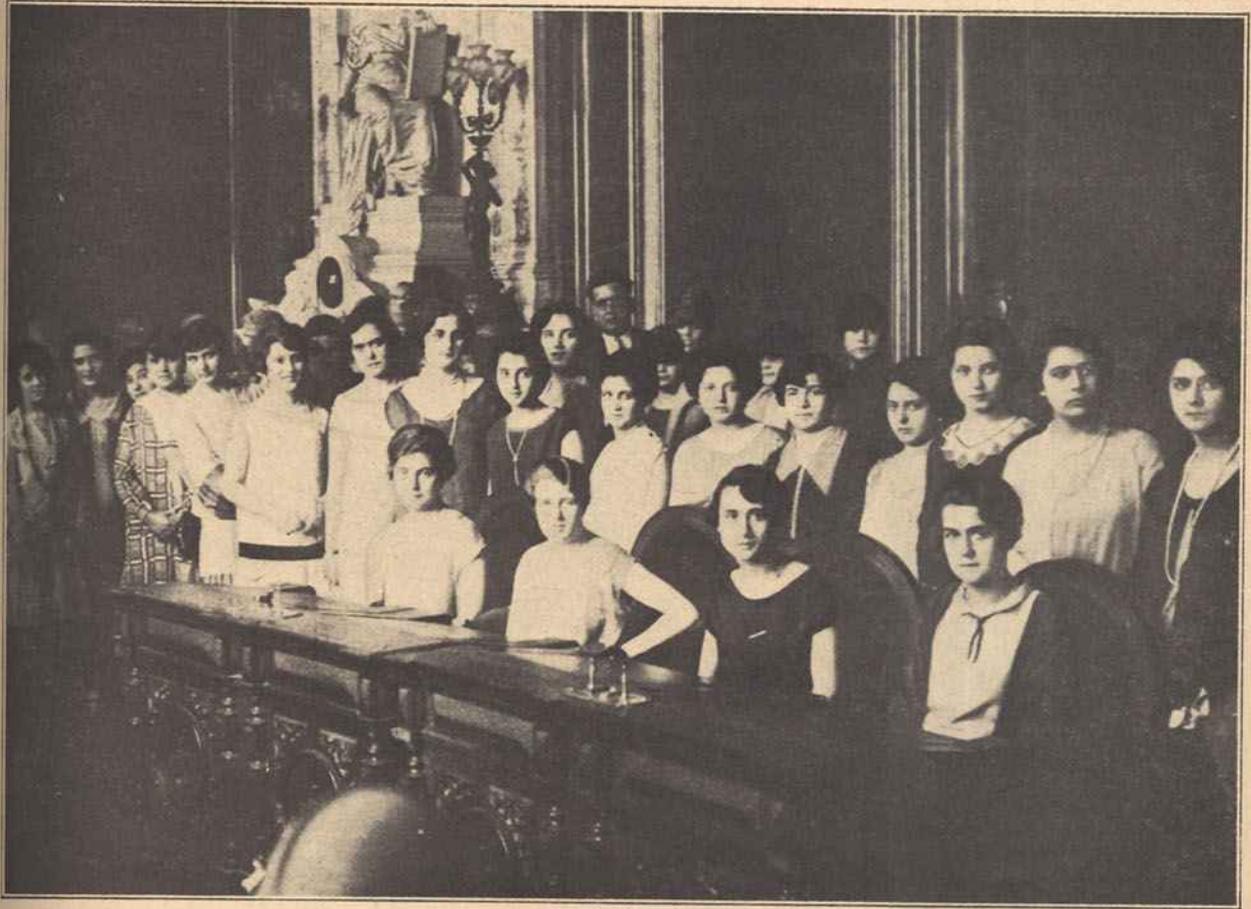
Viu, depois, que a demonstração, verdadeira para a terra e para a lua, se applicava igualmente a todos os outros planetas.

Levando mais longe a sua análise, explicou o achatamento da terra nos polos, a precessão dos equinócios, o movimento de nutação, o fenómeno das marés.

Seja como for, pelo que respeita a anedota da maçã, o certo é que a maçã que passou por ter contribuído para que Newton desvendasse o segredo da mecânica celeste foi, durante muitos anos, objecto de um verdadeiro feitiçismo, e quando, em 1826, um furacão a derrubou, fabricou-se com os seus destroços uma cadeira que ainda hoje se mostra aos viajantes que ali passam.

Muito embora, o culto votado a Newton é merecido. Se a concepção filosófica que ele formava da física matemática foi abandonada na segunda metade do século XIX, porque implicava a crença na possibilidade de apreender na experiência um absoluto matemático, uma verdade independente de toda a escala particular de grandeza, a sua obra científica é, na maior parte, irrepreensível, e continua a ser a base da física matemática. Por ela, a astronomia que até então fora essencialmente uma geometria celeste tornou-se uma mecânica celeste.

A ELEIÇÃO DE MISS PORTUGAL



Na Câmara Municipal: As concorrentes aprovadas para a selecção final



No medalhão: D. Margarida Bastos Ferreira, eleita Miss Portugal, dirigindo-se para o Consulado dos E. U. da América do Norte a fim de visar o seu passaporte e onde foi carinhosamente acolhida pelo consul, sua esposa e vice-consul. — *A direita*: Miss Portugal subindo para a «condute» Citroën do director da «Ilustração»

ILUSTRAÇÃO

A ELEIÇÃO DE MISS PORTUGAL



A sr.^a D. Virginia Lima, de Lisboa, uma das três últimas seleccionadas e segunda votada para a eleição da nossa representante ao concurso de Galveston
(Gilchês Serra Ribeiro.)

ILUSTRACÃO

A ELEIÇÃO DE MISS PORTUGAL



A sr.^a D. Maria Emília Casanova Ferreira, de Lisboa, uma das três últimas seleccionadas para a eleição da nossa representante ao concurso de Galveston.
(Glebés Silva Nogueira.)

MISS PORTUGAL EM VIGO



11. Margarida Bastos Feireira, que foi embarcar a Vigo, e onde partiu a bordo do *Niagara*, foi gentilmente recebida pela proprietária de uma encantadora «La Chicharra», situada na estrada de Vigo a Redondeja. — Em cima: Miss Portugal nos jardins de «La Chicharra». — Em baixo: no oval, o perfil de Miss França — A direita: Miss Itália, Miss Luxemburgo e Miss França, a bordo do *Niagara*.

(Cliches de Serra Ribeiro, especialmente feitos para a «Ilustração».)

MISS PORTUGAL EM VIGO



Em cima: Miss Portugal, a bordo do «Niagara», na baía de Vigo, com as autoridades locais e com o consul e vice-consul português. — Em baixo: as quatro embaixatrizes de beleza. Da esquerda para a direita: Miss Portugal, Miss Luxemburgo, Miss Itália e Miss França, a bordo do «Niagara».

(Clichés Serra Ribeiro)

O CONCURSO DE GALVESTON



Em cima: à esquerda, Miss Itália, Miss Luxemburgo e Miss França, à partida de Paris para o Havre, na estação de Saint Lazare;
à direita, a chegada de Miss Itália à gare de Lyon, em Paris
Em baixo: O «Niagara», fundado em Vigo e hasteando os pavilhões das nacionalidades das Rainhas de Beleza, que leva a bordo

ACTUALIDADES



Em cima: Assistência ao banquete oferecido pelo Embaixador de Inglaterra, sir Lancelot Carnegie, ao Chefe do Estado, general Carnom. — *Em baixo:* A primeira reunião da Ordem dos Advogados, para a eleição dos seus altos corpos directivos

ACTUALIDADES



Os alunos e professores da Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa, realizaram uma visita de estudo a Evora, a curiosa capital do Alentejo, tão cheia de história e tradição, verdadeiro documentário do passado. A nossa gravura representa os alunos e professores daquela Faculdade, com os estudantes do liceu de Evora, no edifício deste estabelecimento de ensino, antiga Universidade dos jesuítas.



O sr. presidente da República e comitiva, na estação de Montolito, quando da inauguração, há poucos dias realizada, da linha férrea de Evora a Reguengos, melhoramento que muito vem beneficiar aquela região.



DR. CARDOSO DE OLIVEIRA

Em gozo de licença, partiu para a Baía o sr. dr. Cardoso de Oliveira, ilustre Embaixador do Brasil em Lisboa, tendo embarcado no Arsenal de Marinha, com sua família. O distinto diplomata teve uma afectuosa despedida.

ACTUALIDADES



MARCELLE GÉNIAT



JEAN SARMENT



MARGUERITE VALMOND

As três principais figuras da companhia francesa, que sob a direcção do ilustre dramaturgo e actor Jean Sarment se estreia brevemente no Teatro Politeama, com um repertório de alto interesse artistico



DR. EUGÉNIO DE CASTRO

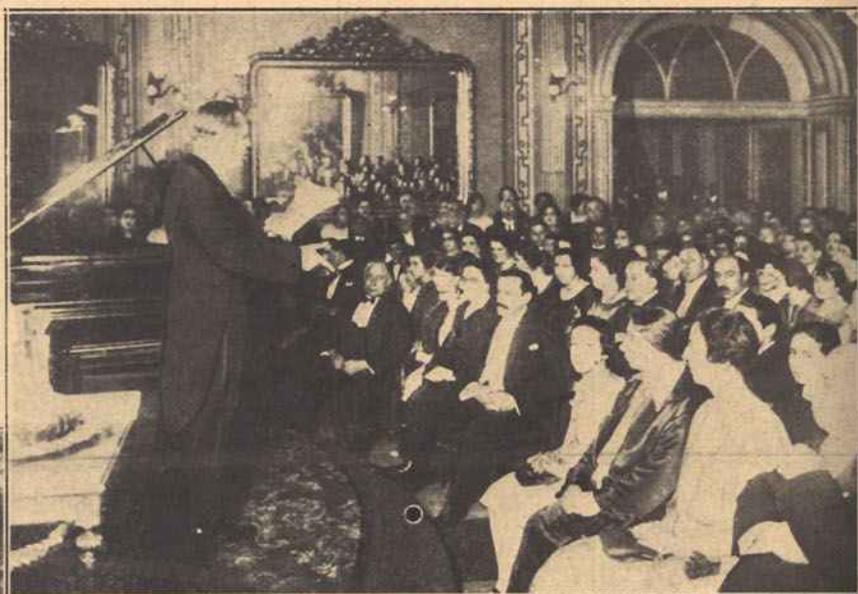
A obra poetica de Eugénio de Castro bem merecia e estava exigindo a consagração duma edição definitiva e completa, como a que a empresa editora «Luzes» acaba de iniciar, lançando no mercado o primeiro volume, que compreende «Horas», «Oaristos» e «Sylva», as três obras que marcam a iniciação do poeta maravilhoso que é Eugénio de Castro. O plano de publicação compreende dez volumes, duma aprimorada execução gráfica.



Regresso de Paris o sr. dr. António Menano, que ali foi gravar uma série de discos, com os seus fados e canções regionais. A nossa gravura representa o dr. António Menano, à saída duma festa que lhe foi oferecida em Joinville-le-Pont, pelo sr. Guerra Maia

O grupo musical «The Lisbon Gipsy Orchestra» que tem alcançado grandes êxitos na Africa do Sul, para onde foi contratado há mais dum ano e que é constituído pelos srs. Raul de Oliveira, director e 1.º violino; Mario Luis de Melo, órgão; João d'Almeida Jorge, 2.º violino; Rafael Santicena, violoncello; António Luis de Melo, piano; Ruis Cruz, contrabaixo e Rogério Tóres, viola

ACTUA -
LIDADES



Comemoração do 1.º centenário da morte de Beethoven, no Porto: conferência do professor, sr. dr. Aurílio de Lacerda, no Ateneu Comercial daquela cidade



No Colégio Moderno, do Porto, realizou-se, com grande brilho, a festa que habitualmente ali se realiza todos os anos e em que tomam parte as alunas daquele estabelecimento de ensino. A nossa gravura representa, um interessante quadro intitulado «A Neve», um dos atractivos daquela festa



A multidão, em frente da estação de São Bento, aguardando a chegada de Miss Portugal. — No medalhão: D. Margarida Mastos Ferreira «posando» para os fotógrafos portugueses

SOCIEDADE ELEGANTE



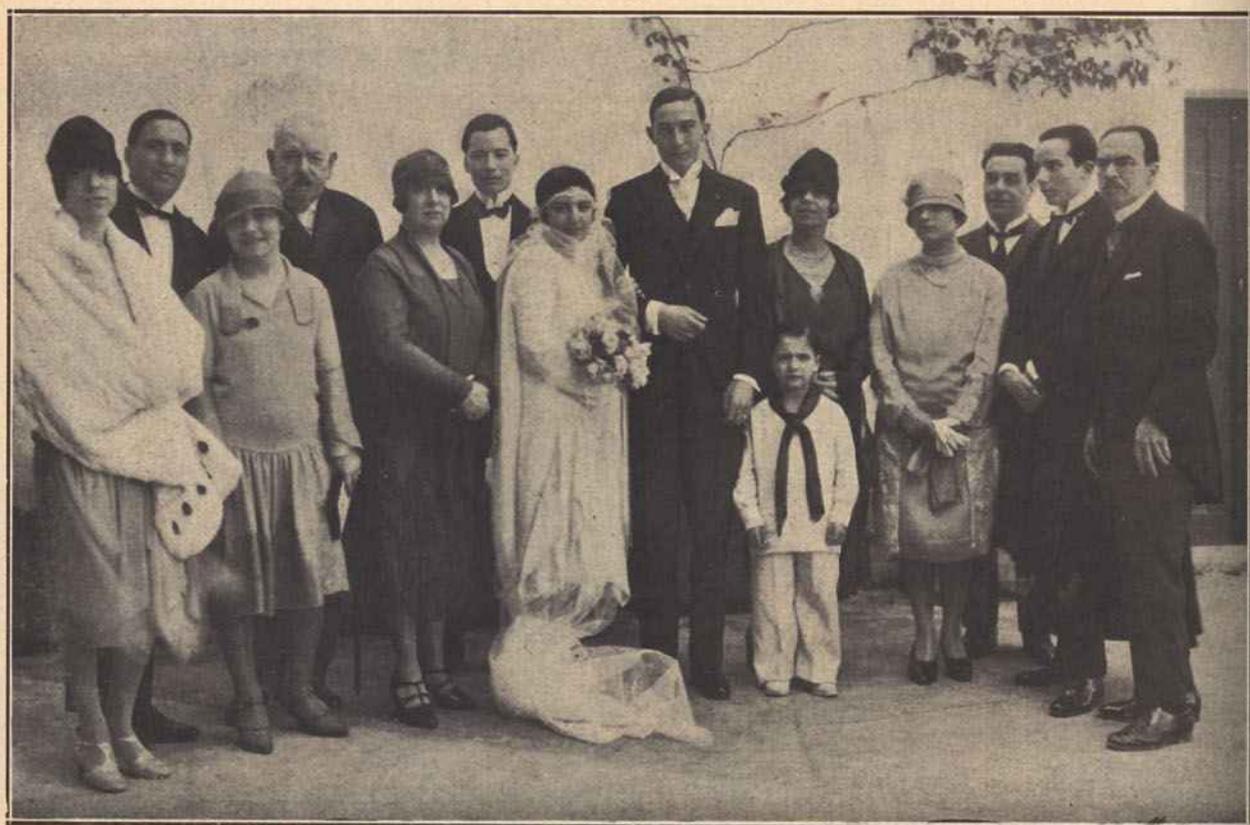
Assistência ao concerto organizado pela distinta professora D. Ema Romero Santos Fonseca, em que foram executados trechos de música vocal norte-americana, entre eles algumas canções dos peles vermelhas



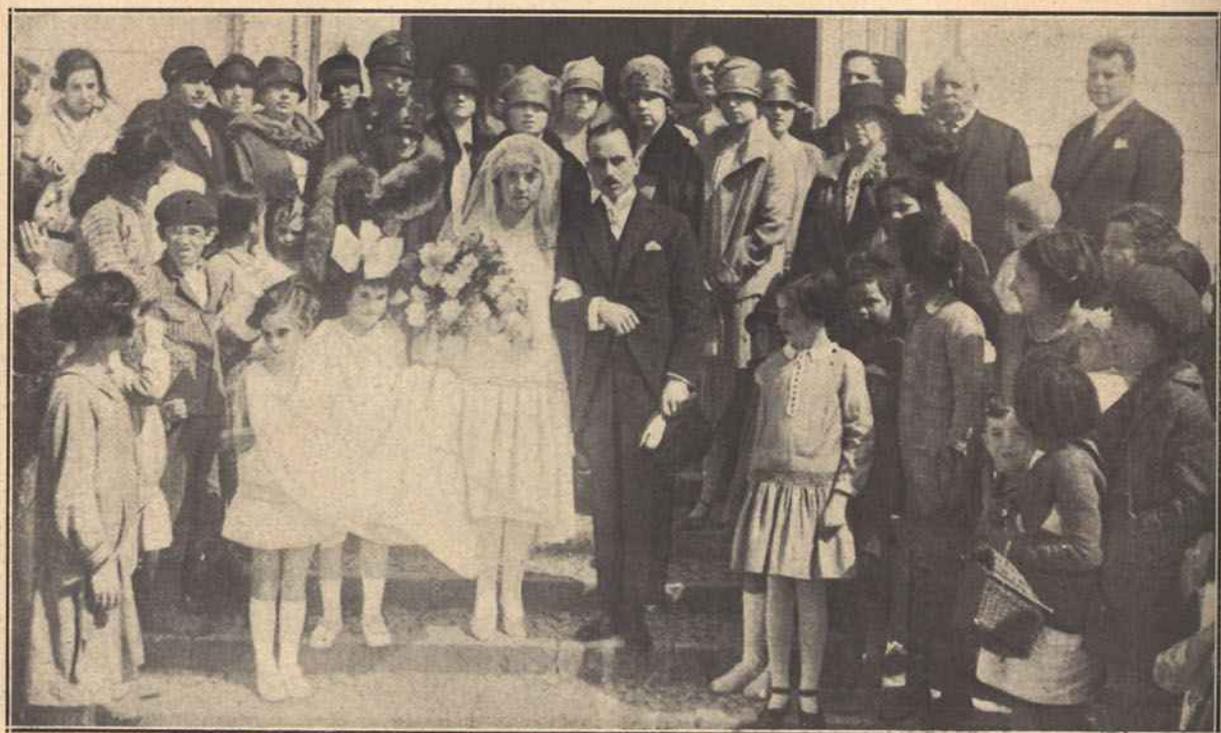
Chá elegante em casa do sr. dr. Amadeu de Mesquita, a que assistiu a distinta declamadora argentina, Gloria Bayardo

(Clôvis Serra Ribeiro)

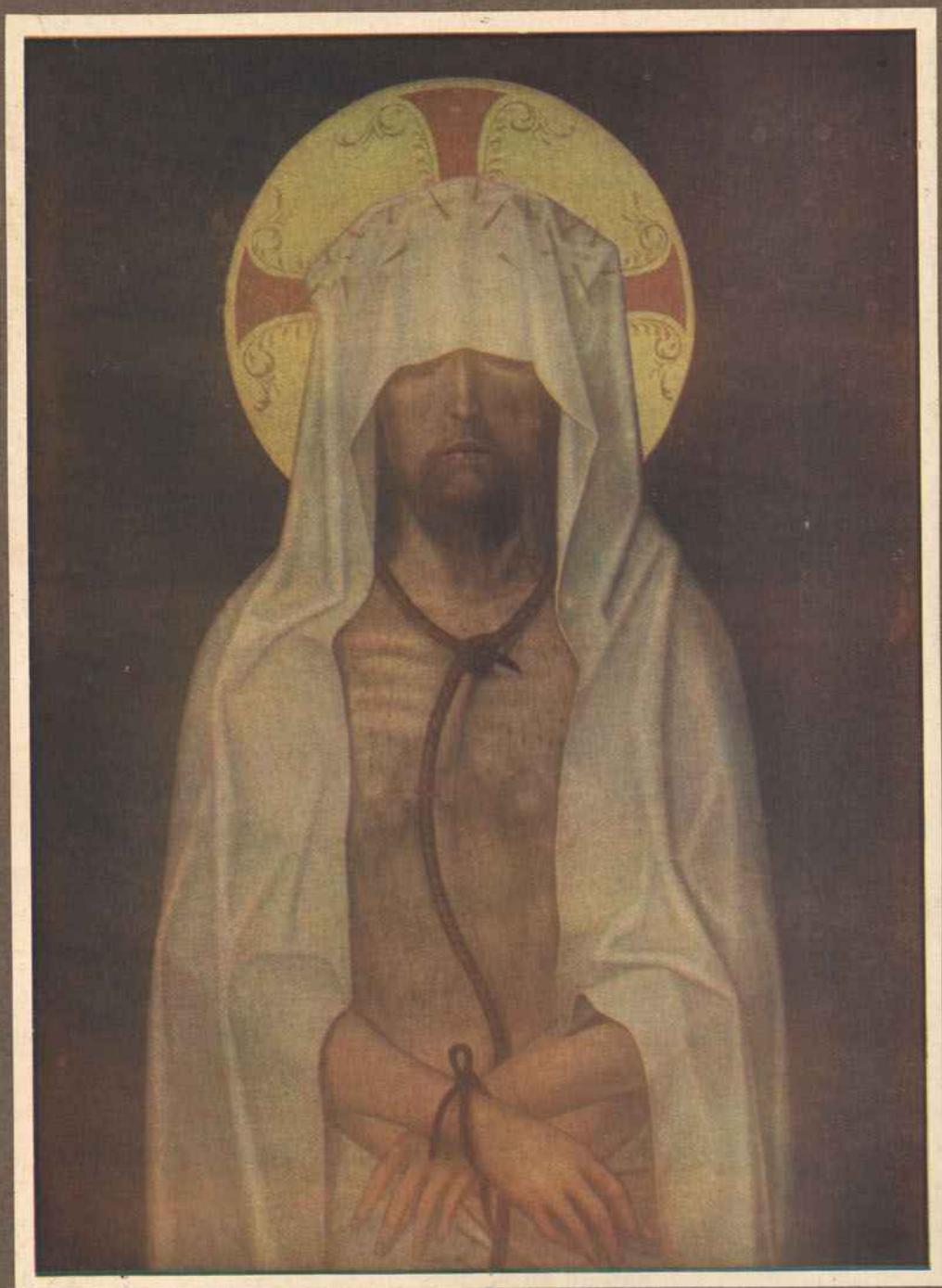
SOCIEDADE ELEGANTE



Na igreja de S. Sebastião da Pedreira realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Helena Matos Mendonça de Carvalho, gentil filha dos artistas-empresários do Teatro Variedades, D. Maria Matos e sr. Mendonça de Carvalho, com o importante proprietário em Alter do Chão, sr. Luis José Frade de Almeida



Na paróquia de Odivelas realizou-se o casamento da sr.^a D. Lúcia Furtado de Mendonça com o sr. António Francisco Matosa, considerado comerciante da praça de Lisboa, tendo sido padrinhos, por parte da noiva, seu pai, sr. Luis Furtado de Mendonça, que se fez representar por seu filho, Mário de Sousa Pacheco e a sr.^a D. Brígida Pacheco Serra Guedes e por parte do noivo os srs. Lúcio Teixeira Carvalho e Severo Artur Moreira



ECCE HOMO

Escola portuguesa (Fins do século xv)

MUSEU DE ARTE ANTIGA

AS ROMARIAS



EM TRÁS-OS-MONTES. — DOIS INTERESSANTÍSSIMOS ASPECTOS DA ROMARIA DE S. BRÁS, EM VILA PEQUENA (BOTICAS)

F E M I N I N A

A VOGA DOS

A ideia de harmonizar o conjunto da toilette, de estabelecer um «ensemble» equilibrado, sem discrepância de cores, de guarnições e de corte, continua no espírito da moda. É certo que o «ensemble» criado para esta estação não é já o conjunto monótono composto com uma só cor. Não. A toilette feminina admite agora várias cores, desde que elas se conjuguem inteligentemente e artisticamente entre si. O vestido pode ser duma cor, o *manteau* doutra, o chapéu doutra ainda; mas tudo isto é escolhido com o bom senso artístico suficiente para conter todas as gamas de cores dentro dum conjunto de efeito suave e agradável.

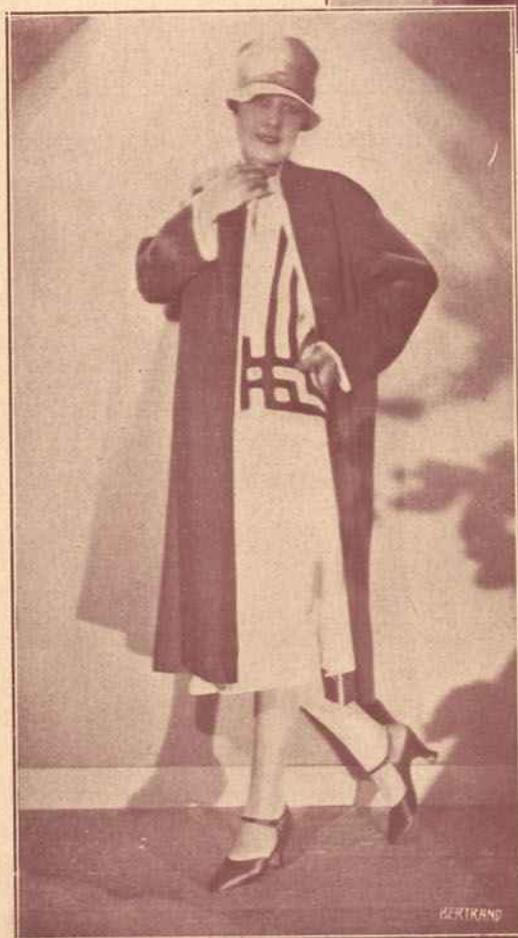
Cessou, portanto, a exigência, sempre um pouco dispendiosa, do *manteau* igual ao vestido, exigência



«ENSEMBLES»

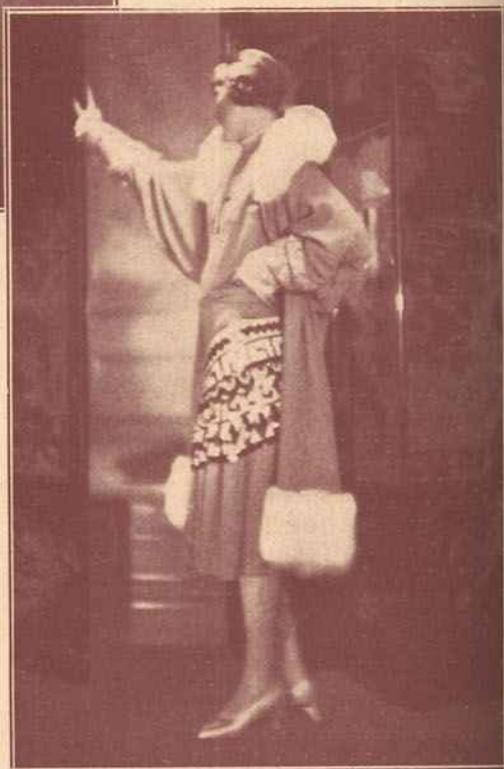
que obrigava, até há pouco, a povoar o guarda-roupa com vários casacos de abafó, visto que não seria possível, sem grave afronta às normas de elegância estabelecidas, vestir o *manteau* dum «ensemble» com outro vestido que não fosse aquele para que fôra destinado.

Felicitemo-nos por esta nova afirmação de critério prático adoptado pela Moda e reparemos — no intuito de vestirmos bem, sem prejuizo de uma economia bem compreendida e observada — em que hoje nos é permitido vestir uma saia diferente do *sweater*, um *manteau* que harmonise com o conjunto formado por esses dois componentes duma toilette, embora de outra cor, e completar o conjunto com um cha-



peu que também não obedece rigorosamente à tonalidade dominante na toilette. É preciso, porém, muita inteligência, muito bom gosto na selecção e casamento das cores, porque todos os efeitos ousados, gritantes, são enérgicamente repudiados pela moda.

Os modelos que publicamos nesta página exemplificam a ideia dos conjuntos modernos. Geralmente escolhe-se a cor mais escura e o tecido liso, para o *manteau*, ao passo que para o vestido se reservam as cores claras e os tecidos de fantasia. Constatase ainda nestes modelos a linha simples, impressionantemente sóbria dos *manteaux* de primavera, destinados a passeio, e a singeleza dos vestidos que lhes acompanham. Nada de peles, de guarnições vistosas. Em compensação, os tecidos são da melhor qualidade e os forros, na grande maioria dos casos, são do mesmo tecido que compõe o vestido. Apenas nos *manteaux* de luxo, destinados a visitas, saídas de teatro, baile, etc., as fartas e sumptuosas peles figuram triunfantes, com manifesto desprezo pelas temperaturas marcadas no termómetro, pela calmaria forte das tardes poalhadas de sol, iluminadas de luz forte, reverberante, das tardes de verão, emfim...

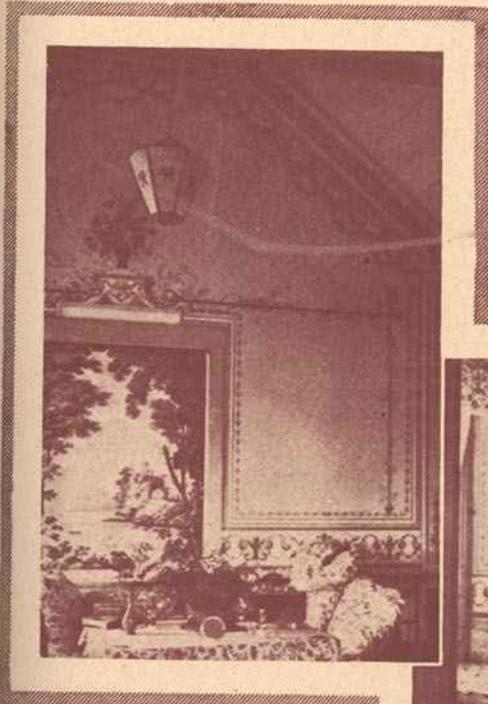


A CASA PORTUGUESA

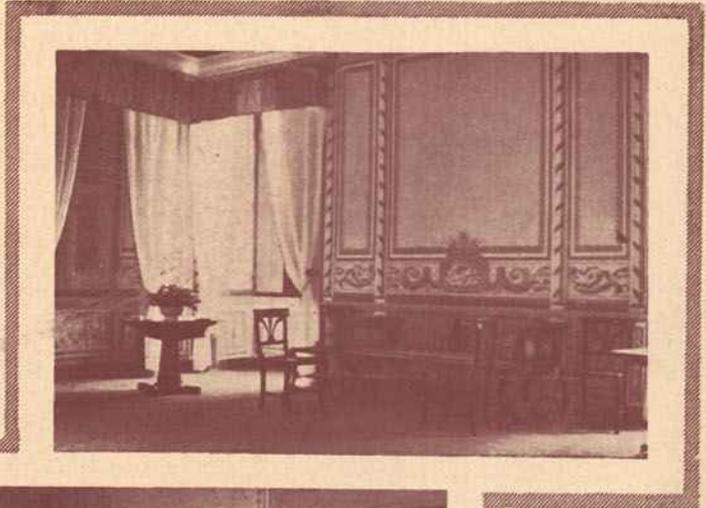
QUINTA DA FRANCELHA

CAMARATE

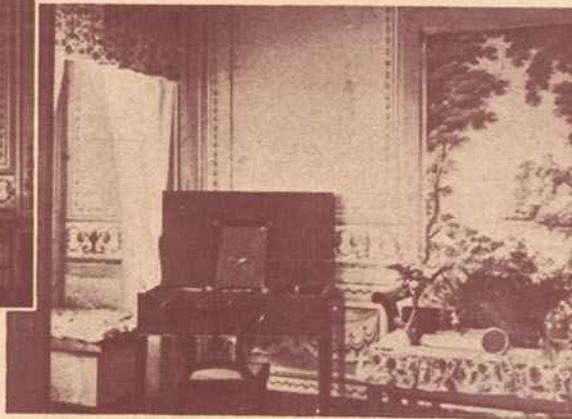
PROPRIEDADE DO SR. DR. FRANCISCO JOSÉ TRIGUEIROS
DE MARTEL PATRÍCIO



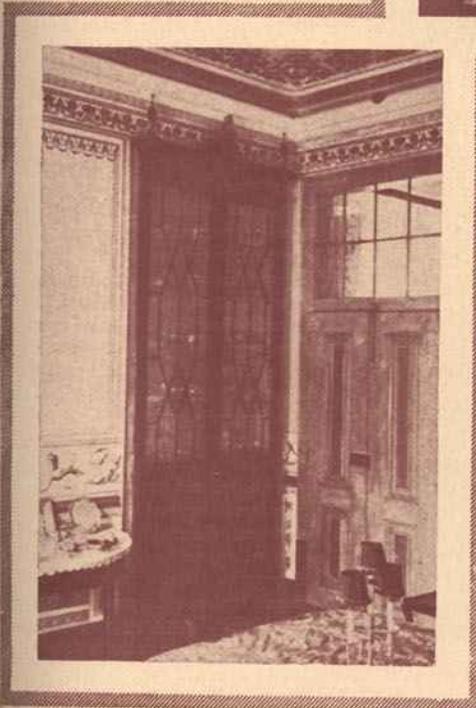
EM LINDO ESCONSO



UM CANTO DO SALÃO

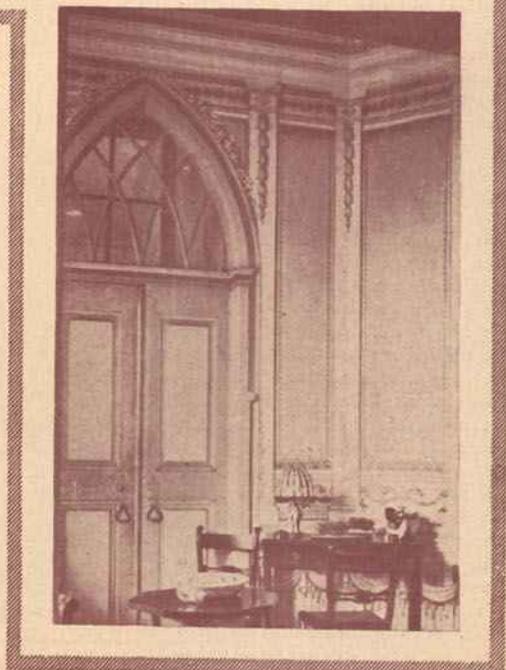


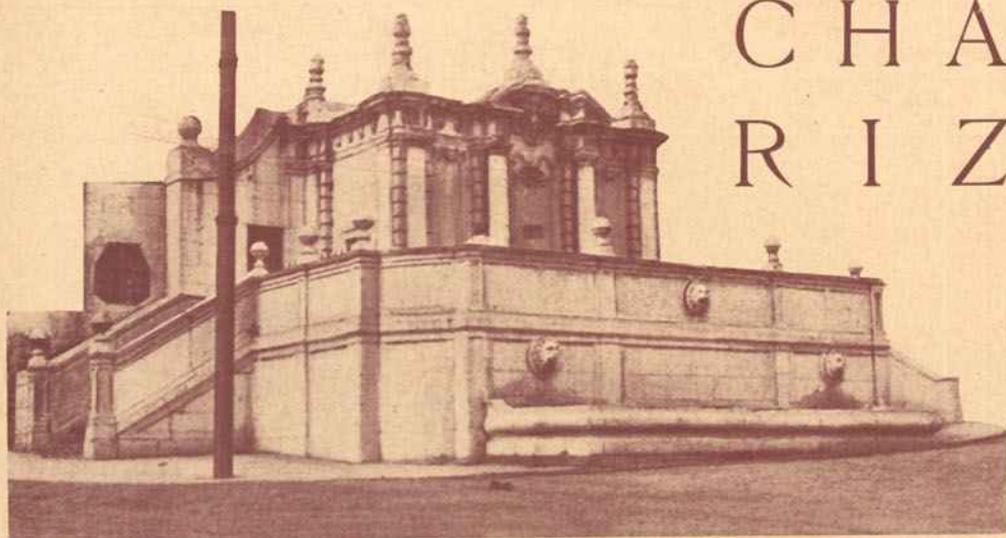
O FOUCADOR



JÁ no seu número 6 a *Ilustração* publicou diferentes aspectos desta interessante casa que a Ilustre Senhora D. Magdalena Valdez Trigueiros de Martel Patrício tam hêm soube reconstituir no seu arranjo decorativo.

Reproduzimos nesta página trechos das primitivas pinturas a fresco que decoram as salas e aposentos principais.





Chafariz da Esperança

CHAFA- RIZES DE LIS- BOA

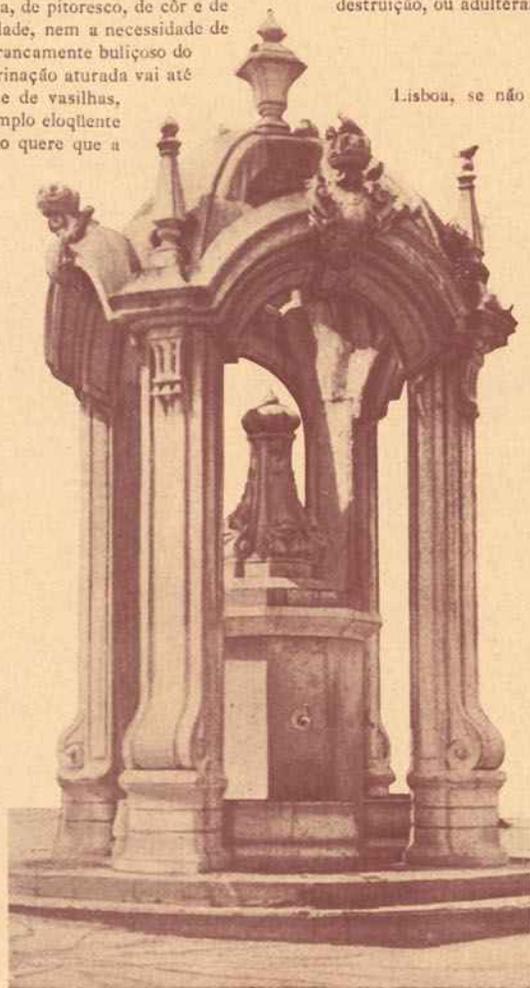
Um chafariz é um sorriso claro na vida diária de qualquer povoação por muito refractária que seja ao pitoresco, por muito severo que seja o seu habitual semblante. E, quer o chafariz abasteça uma aldeola humilde, pobre de população, quer refresque a guela sequiosa dum bairro cidadão, ele é sempre uma nota estridula, de pitoresco, de cor e de movimento. Nem a importância de utilidade, nem a necessidade de toda a hora, igualam, porém, o carácter francamente buliçoso do ambiente que cria o gentio que em peregrinação aturada vai até à bica bemfazeja encher toda a espécie de vasilhas, ainda as mais esquisitas e que são o exemplo eloquente de quanto vale a diligência de quem não quer que a sua casa modesta sofra a inclemência da sede, ou o horror inestético dum soalho mordido e remordido por poeiras teimosas em fixar-se, até que o sobrado se desfigura em insalubres manchas caprichosas ou que o vestuário, de trazer sempre, sofra o negrume dum demora mais continuada, no uso de todos os dias!

Mas, ao observador cuidadoso, em cujos olhos baila uma anciedade de pitoresco, não interessa que a água do chafariz sirva ao enlêvo da higiene ou à ardência das bocas queimadas pela febre, e ansiosas de refrigério a uma segura ofegante.

O que perdura na sua atenção é o quadro intenso de vida que se desenvolve em volta do chafariz, no bulício da roda humana que o assedia, ou o contorno, a forma, o traço do monumento, quando ele sai das proporções reduzidas do marco fontenário e se dilata em invenções de rendilhado ou em limites avantajados que lhe dão certa grandeza assinalável. A história do chafariz lisboeta é um tratado ameno de conversação bizarra, como a elegância de linhas de alguns dêles é um pretexto ao estudo de épocas e de tendências artísticas, às vezes tão subsidiadas por êsses pequenos monumentos onde a acuidade do investigador nem sempre se detem, porque o temporario sobra para estas divagações de aparente somenos importância!

E, se a quem recolhe emoções curiosas, o ambiente que rodeia o cha-

fariz lisboeta é de todo o modo sugestivo na urdidura de scenas da rua e na construção de meandros de intriga bairrista, não menos considerado deve ser o cunho monumental que apresentam êsses modestos trabalhos arquitecturais a que a fúria iconoclasta não deu ainda totalmente destruição, ou adulteramento.



Chafariz do Carmo

Lisboa, se não é uma cidade exuberante em chafarizes de factura excepcionalmente aprimorada, não pode deixar de orgulhar-se de possuir alguns bem dignos de menção e de reparo a olhos esquadrihadores.

Evidentemente é a parte velha da capital a que mostra êsses espécimes de interesse e natural é que assim seja, não só pela idade dos arruamentos, como pelas condições de vida das populações, ainda, na sua maioria, em regime de séculos atrasados. Não se pode atribuir a êsses chafarizes, uma antiguidade que faça pasmar as pessoas mais sensibilizadas por estas revivências do passado. E, na generalidade, também, não se descobrirá neles complicações de factura, ou pretenciosas estilizações de traçado. O que precisamente caracteriza essas simpáticas construções é a sobriedade da sua feição, é a pura disposição dos seus elementos constitutivos. Em monumento isolado, autónomo, decorando um largo, ou embebendo-se numa parede forte, o chafariz canta sempre a alegria da sua corrente de água cristalina e a mão, em geral incógnita, que o lançou à vida da cidade, teve o cuidado de lhe dar um apuro sem ênfase, uma aparência acolhedora, um perfil gracioso e simples! Na Lisboa oriental, como na ocidental há exemplares condignos, merecedores de constatação lisongeira. Hoje, a invasão, abelhuda para a tradição ulisiponense, das águas do Alviela, estancou a seiva própria que aviventava a maioria dessas bicas insinuantes e misericordiosas ao viandante açodado, e aquelas onde não

entrou o atrevido esbulho, teem a ufania duma independência gloriosa que lhes permite socorrerem achaques humanos desenganados dos recursos da farmacopeia moderna! É ainda registável o número de chafarizes que recordem a Lisboa antiga e alguns d'elles conservam a fisionomia do seu pitoresco passado, como o já famigerado de Andaluz, vetusto, cuja documentação epigráfica e armorial atestam a supremacia municipal de tempos idos e o recôndito chafariz que o edificio do Coliseu da Rua da Palma roubou pelo seu esconderijo à indiscrição do alfacinha e que é um espécime raro das épocas de quinhentos e seiscentos. Um e outro se impõem desde tempos longínquos, pelas virtudes curativas das suas águas ensalôbradas, como também o da Rua da Boa Vista, ao Conde Barão, milagreiro a que tantos olhos mazelados devem horas de delicioso alívio!

Na orla de Alfama que corre ao longo dos cais

que encostam à margem que vai do Terreiro do Trigo a Santa Apolónia, o Chafariz de El-Rei, o de Dentro e os mais que, como satélites, d'elles se avizinham, dão a essa região buliçosa de pescadores e de toda a classe dos homens do mar, uma nota de saciedade gulosa, de vivaz disposição, porque a multidão parda dos marítimos rodeia esses providenciais bebedouros, rumorejando conversas de negócios e garganteando fados tristes onde passa a negra odisseia da labuta diária! Na Esperança, mesmo no começo da encosta que trepa ao Mocambo olhanos, com uma dignidade augusta, o chafariz que se ergue, como um trono, e aonde se sobe como a um altar de lausperene. O chafariz da Esperança é um dos mais apurados de Lisboa. Olha quem, junto d'ele pára, com a notável sobranceira de quem fita do alto!

No Largo do Carmo, ali mesmo, frente à porta gótica do Convento onde passou o resto dos dias Nuno de Santa Maria, conhecido no século por Nuno Alvares Pereira, levanta-se como um pequenino templo, o airoso chafariz, cujas águas encheram Lisboa com a fuma do seu sabor e da sua frescura.

Lisboa é ainda hoje uma terra semeada de chafarizes risonhos. Pode mesmo dizer-se que da devastação dos homens e dos tempos, salvou-se esse aspecto ridante que é como que o registador do movimento da população onde elles fazem correr as suas águas providenciais.

Em sua volta, à aproximação da sua corrente, a lingua acerada do mulherio solta-se em frases pouco castiças, desprende-se em contos largos de intrigas caseiras e os lábios escancarados dessas bocas mordidas pela necessidade e emurhecendo pelo desengano, são o grito agudo duma pobreza sofredora que encontra o desabafo da sua miséria ao pé do chafariz tranqüillo, e aonde se formam assembleas tumultuosas a que não é estranha a desavença do lar e a falta de pão!

Sómente numa época festiva do ano se calam esses des-

mandos de linguagem: o mês dos santos populares. Nessas noites os ranchos movem-se, deslocam-se de bairro para bairro e a água do chafariz refresca os rostos empoeirados do povo que formiga pela ci-

dade durante o dia! São os três santos do mês de junho que realizam o acôrdo entre o populacho que canta, dança e passa em claro a noite alimentando ainda a tradição do cristianismo, esquecido da vociferação inclemente do resto do ano, contra tudo o que revista misticismo ou manifestação de crença religiosa. Cessou a intriga baírista e o desaguisado só se reata quando o chafariz deixou de ser a «terra prometida» dum amor feliz e se tornou mais uma vez no centro de falatórios incendidos de raiva e abundantes de improperios. Lisboa ainda conserva no seu activo de pitoresco, pouco a pouco a desaparecer, chafarizes que são recordações festivas da alma popular de outrora, toques de alvorada das populações que se levantam quando o primeiro galó do sitio atira para a manhã que irrompe, o clangor da sua salvação metálica!

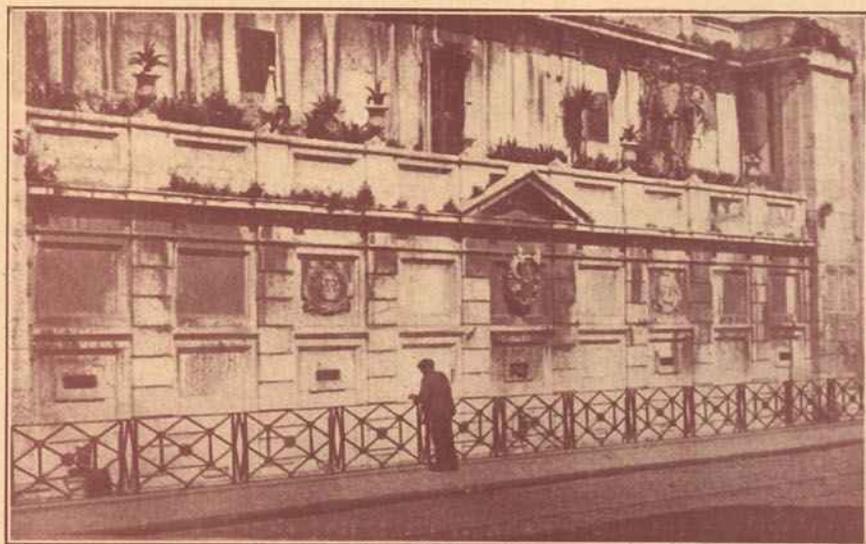
E quando não houver um chafariz a cidade terá emudecido na sua grita de séculos, morrido para a existência agitada do borborinho popular,

porque o coração dos bairros humildes terá deixado de palpitar tão francamente à luz do sol que tizna as faces lividas, ou sob a scintilação das estrélas que velam a multidão impaciente que espera a sua vez comprimindo-se e investindo-se.

E bem basta já, para os entristecer, que as bocas outrora cantantes dos chafarizes de Lisboa a necessidade de economisar tenha imposto a ignominia das torneiras.



Chafariz das Janelas Verdes.



Chafariz de El-Rei

Nogueira de Brito.

CINEMATOGRAFIA

O belo romance francês «Palaces» de Saint Sorny, uma das maiores tiragens do mercado literário francês na actualidade, obra que colocou o seu autor numa fulgurante evidência, foi realizado no cinema pelo excelente artista Jean Durand, um realizador cheio de competência e decorador dos mais audaciosamente equilibrados. Eis o argumento do sumptuoso filme que foi interpretado pela mais célebre «vedeta» francesa a linda Huguette Dufflos.

Areghi julgam viver um medonho pesadêlo e num aniquilamento nervoso, os seus lábios unem-se numa comunhão suprema.

Só ao romper do dia os dois amantes dão conta da pavorosa realidade. O seu amor floriu, desabrochou no meio de um montão de cadáveres, vítimas dum acidente de auto-camion provocado pela tempestade e que ali deitados esperavam ser removidos para a cidade onde alguns sobreviventes haviam corrido em busca de socorros.

Areghi e Nadia não podem nunca mais esquecer aquela noite terrível em que se uniram pela paixão e juram constância eterna.

Quando a estação elegante está a terminar no sumptuoso «Palace», Nadia vê surgir uma noite no seu quarto Areghi, pálido e perturbado. Interpelado por ela, o marquês confessa que fuge à policia que o procura culpando-o do assassinato dum irmão. Propõe então a Nadia, aterrada, que fuja com êle. A sua atitude equivocada, as contradições da sua narrativa fazem nascer suspeitas na alma de Nadia que lhe pede umas horas para pensar.

Mudando então de tática, Areghi torna-se ameaçador e obriga Nadia a escrever-lhe uma carta que lhe forneça um *alibi* quanto ao dia e hora da morte de seu irmão. Aterrorizada, Nadia assina e Areghi desaparece.

Mas um acaso revela-lhe a verdade. O marquês esquece uns papéis e por êles a louca rainha das elegâncias sabe que o homem a quem ama é um vulgar aventureiro internacional, assassino e escroc. O pensamento de ter amado desvairadamente semelhante bandido, perturba Nadia de tal forma que a prostra com uma comoção cerebral.

No sumptuoso Castelo de Chameron, cercado por um imenso e maravilhoso parque, Nadia procura esquecer o passado.

Certa noite, como os ferozes cães de guarda estejam inquietos, o criado faz uma busca no parque. De súbito, um homem foge da cabana do jardineiro, mas os cães alcançam-no e como feras terríveis despedaçam-no com os dentes. Nadia chega a ponto de reconhecer no infeliz o falso d'Areghi que antes de morrer junto dela lhe confessa que voltou porque apesar de tudo, a amou e ama sempre com loucura.



Nadia de Hoks, a linda rainha das elegâncias...

Num sumptuoso «Palace» da Côte d'Azur, Nadia de Hoks, filha do célebre e rico banqueiro enamorou-se dum jogador cheio de sedução e particular encanto, o marquês d'Areghi e não hesitou, por causa dêle, em romper com o seu noivo, Dick de Mesmay, rapaz sincero e cheio de nobreza de carácter.

Nadia de Hoks, a quem chamam a rainha das elegâncias, não tarda em desorientar também apaixonadamente o marquês d'Areghi que se torna um joguete nas suas mãos, enquanto Dick de Mesmay trava conhecimento com uma rapariga órfã, Mary Van Berghen, cuja sinceridade e doçura contrastam com a ironia e a vaidade de Nadia de Hoks. Dick, para esquecer Nadia, pede a Mary que seja sua mulher.

Uma noite, no decurso duma excursão nos Alpes, Nadia e Areghi, surpreendidos por uma terrível tempestade, abrigam-se num casarão onde passam a noite no meio de uma quantidade de vultos estendidos pelo solo, viajeiros certamente ali recolhidos como êles, que repousam, inertes.

Durante toda a noite, abraçados, Nadia e



O marquês d'Areghi, também em breve começou a sentir o encanto dominador...

Dick de Mesmay vive sózinho e desamparado, porque Mary Van Berghen entrou num convento quando reconheceu que Nadia continuava a ser a única paixão sincera do noivo.

Nadia sabe da situação de Dick e pede-lhe que a oiça. Quando o bom e sincero rapaz a vem visitar, Nadia lança-se-lhe aos pés, pede-lhe que lhe perdoe e suplica-lhe que a não abandone pois que a vida a enche de pavor. Dick perdôa à noiva dourada e começa a fazer-lhe visitas muito espaçadas que em breve se transformam em constantes entrevistas com a esperança mútua de que o tempo cicatrize tôdas as feridas e lhes traga o esquecimento.

E durante este tempo, no gigantesco e sumptuoso «Palace» como no convento, a vida continuará com a regularidade dum relógio: danças,

«Jeanne d'Arc» será o cinematografista que lançou de Gastyne, o roumeno Natan e a produção será distribuída por Aubert.

■ ■ ■

O célebre melodrama «Mr. Wu» que já vimos em Portugal por Clemente Pinto, Carlos Santos e o artista espanhol Ernesto Vilches, foi levado ao écran pela «Metro» com Lon Chaney no protagonista, secundado por Renée Adorée.

■ ■ ■

Finalmente, Ivan Mosjoukine, o grande artista russo, actualmente estrela da Universal, começou a filmar nos Estados Unidos. No seu primeiro filme tem como primeira figura femi-

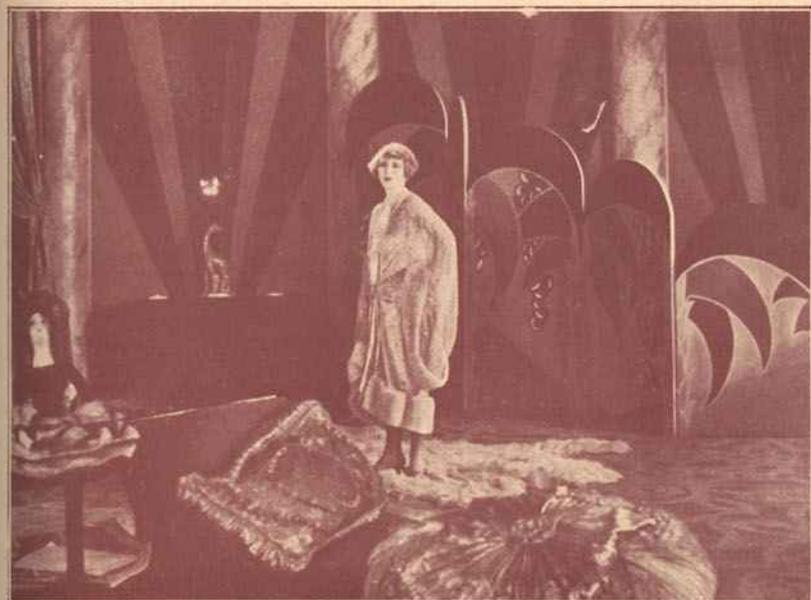


Propôs então a Nadia que fugisse com ele...

nina a linda Mary Philbin e Eduard Sloman como encenador. A seguir será dirigido por Paul Lent no melodrama «Sangue polaco» e já se fala em que lhe será confiada a parte de protagonista de «O homem que ri» de Victor Hugo, que esteve destinada ao maravilhoso Lon Chaney, quando este fazia parte dos elencos de Carl Laemmle.

■ ■ ■

John Phillip Sousa, o músico português que se tem celebrizado na América do Norte, vai dirigir a orquestra do novo grande cinema Roxy da «Famous-Players». É tal o valor do nosso compatriota como atracção para o público, que a firma proprietária não vacilou em lhe pagar dez mil dólares por semana, ou seja a bagatela de duzentos contos em sete dias para reger danças modernas e músicas antigas com uma orquestra de cinquenta e cinco executantes!!!



E as horas continuaram a decorrer num sumptuoso Palace...

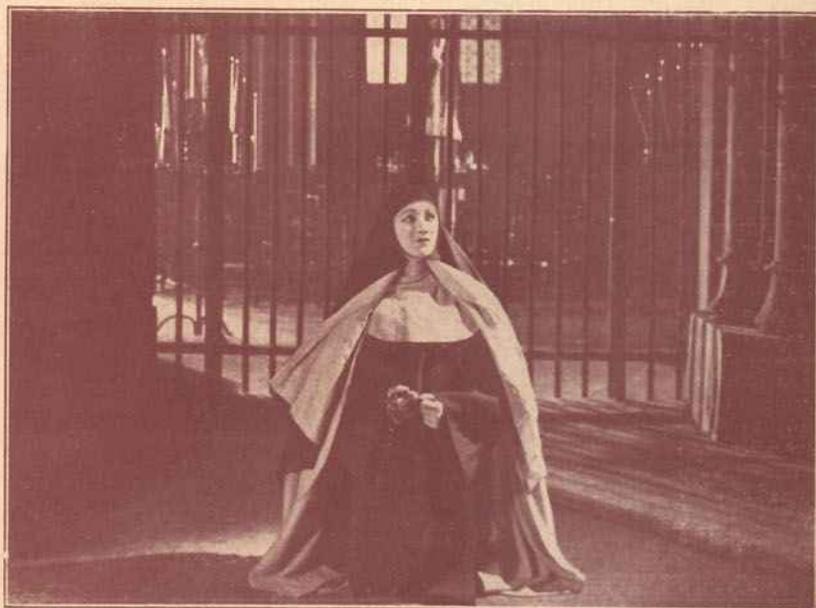
ceias, no primeiro; orações e meditações no humilde refúgio dos desiludidos da vida. (Edição Natan.)

■ ■ ■

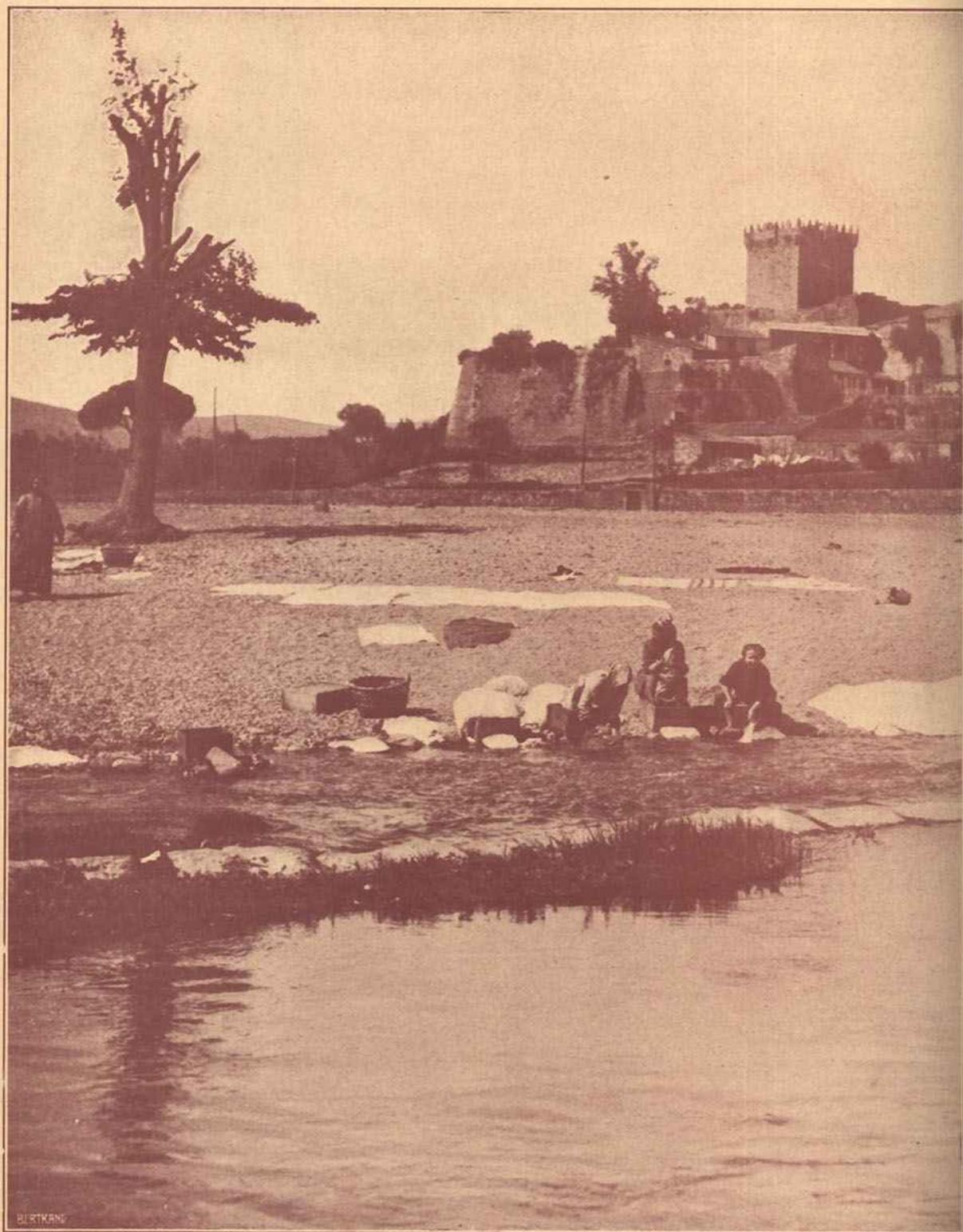
Adolphe Menjou, o artista francês que na sua pátria nunca conseguiu uma situação notória e que Charlie Chaplin lançou estrondosamente no seu grande filme «Opinião pública» é hoje a primeira figura masculina da «Paramount». Acaba agora de renovar o seu contracto com a famosa manufactura que lhe pagará 75.000 dólares por cada filme executado ou sejam uns parcos 1.500 contos. Como o genial artista fará, pelo menos, por contracto, quatro filmes, temos a frioleira de seis mil contos de réis!...

■ ■ ■

«Jeanne d'Arc» será um dos maiores filmes da cinematografia europeia. Sem ter com a realização de Cecil B. de Mille o mínimo ponto de contacto, a vida da «pucelle», de Orleans, que será produzida em França, terá como base, um argumento de Jean Joseph Frappa e o seu realizador será Marco de Gastyne que se notabilizou com «A castelá do Libano». O editor de



... como no humilde convento corria as lágrimas e se orgulha as preces...



CHAVES — MARGENS DO TÂMEGA — O CASTELO



O MUNDO PERDIDO

GRANDE ROMANCE DE AVENTURAS

por Conan Doyle



(Continuação do n.º 31)

Sim, minhas senhoras e meus senhores, os supostos animais jurássicos, monstros que encarnadamente perseguiriam e devorariam os maiores mamíferos da actualidade, existem ainda! (Exclamações: *Lérias! — A prova! — A questão! — Como é que o sabe?*) Como o sei? Sei por os ter surpreendido no seu refúgio, sei porque os vi. (Aplausos. *Ruído. Uma voz: «mentiroso!»*.) Chamam-me mentiroso? (*Ruídosos assentimentos*). Ouvi eu, na verdade, alguém chamar-me mentiroso? A pessoa que assim me chamou que tenha a bondade de se levantar e de se dar a conhecer. (Uma voz: *«Aqui está ela. Inúmeras mãos levantam ao ar, por cima dum grupo de estudantes, um homenzinho inofensivo, de olhos na ponta do nariz, debatendo-se com tólas as suas forças*). O senhor ousou chamar-me mentiroso? (*Não, senhor, não fui eu! — protesta o acusado, que logo desaparece como um diabo de mágica*). Se há aí alguém que conteste a veracidade do que afirmo, poderei explicar-me com esse alguém, depois da sessão. (*«Mentiroso!»*) Quem foi que disse isso? (*O pobre homenzinho, apesar de uma resistência enorme, é novamente levantado ao ar*). Se eu chego a ir aí abaixo... (*Um côro geral, que entoa a canção «Desce, amor, desce», interrompe, por momentos, a sessão; o presidente, em pé, agitando ambos os braços, parece marcar o compasso. Challenger, congestionado, as narinas dilatadas, a barba eriçada, está na crise de frenesi de Besesh, o herói escandinavo, quando avista os campos de batalha*). Sempre as grandes descobertas esbarraram contra a mesma incredulidade, vinco ignominioso duma geração de insensatos. Postos em presença dos grandes factos não tendes a intuição, nem sequer a imaginação que vos ajudem a compreendê-los. Só sabeis cobrir de lama os homens que arriscam a própria vida para rasgar novos horizontes à ciência. Perseguiu os vossos profetas: Galileu, Darwin e eu!... (*Hilaridade prolongada. Interrupção completa*).

Tornava-se impossível traduzir em rápidas notas o estado caótico da assembleia. Atemorizadas pelo barulho, já muitas senhoras tinham batido, precipitadamente, em retirada. Velhotes graves esganiçavam-se como os estudantes e alguns vi — até dos mais respeitáveis — que, de pé, o punho em riste, ameaçavam o impetuoso professor. Toda a sala espumava, rugia e borbulhava como uma colossal chaleira de água a ferver. Challenger avançou um passo, levantando a mão. E a sua atitude tinha tanta altivez, era tão empolgante e viril, que pouco a pouco o ruído acalmou sob o império do seu olhar e do seu gesto. Ele reclamava silêncio e ouviram-no.

— Não os demorarei — disse ele — porque não vale a pena. A verdade é a verdade. As manifestações hostis de alguns moços desmiolados — e, infelizmente, também de algum desmiolado menos — nada provam em contrário. Pretendo ter aberto um novo campo à ciência. Contestam o facto? (*Risos*) Pois vou pô-los entre a espada e a parede: Querem encarregar uma ou várias das pessoas presentes de, como delegadas da assembleia, irem verificar a verdade do que afirmo?

O velho professor de anatomia comparada, mister Summerlee, levantou, na plateia, a esgalgada figura, bem característica pelo seu ar de aze-

jume e pelo seu rosto emaciado de teólogo e disse desejar perguntar ao professor Challenger se os resultados, a que aludira, tinham sido colhidos por ele numa viagem que, dois anos antes, tinha empreendido ao alto Amazonas. O professor Challenger respondeu que sim. Summerlee desejava ainda saber como é que o professor Challenger pretendia ter feito descobertas em regiões visitadas antes d'ele por Wallace, Bates e outros exploradores, cuja reputação científica estava de há muito estabelecida.

O professor Challenger, em resposta, disse que o senhor Summerlee parecia confundir o Amazonas com o Tamisa, se bem que, na verdade, aquele fosse um rio mais considerável e que talvez o senhor Summerlee tivesse interesse em ficar sabendo que entre o Amazonas e o Orenoco, rios que se comunicam, mediavam numerosas milhas e que, portanto, num espaço assim tão vasto uma pessoa podia muito bem descobrir uma coisa que tivesse escapado a outra pessoa.

Summerlee retorquiu, com um sorrizinho ácido, que conhecia a diferença entre o Tamisa e o Amazonas, diferença que consistia em poder possuir todos os meios de verificar qualquer asserção acerca do primeiro desses rios, o que já não lhe aconteceu relativamente ao segundo. Ficaria muito grato ao professor Challenger se ele lhe quisesse indicar a latitude e longitude da região, onde se podiam encontrar animais pre-históricos.

Challenger respondeu que certas razões o levavam a guardar para si essas indicações, mas que as forneceria, com garantias especiais, a uma comissão escolhida entre o auditorio. Aceitava mister Summerlee fazer parte dessa comissão e ir pessoalmente verificar a veracidade das declarações sujeitas a inquérito?

— Aceito! — disse Summerlee, por entre as exclamações da assistência.

— Pois eu — acrescentou Challenger — comprometo-me a fornecer-lhe todos os elementos, que devem guiá-lo nas suas investigações. Todavia, como mister Summerlee vai verificar as minhas declarações, parece-me natural fazê-lo acompanhar de algumas pessoas que por sua vez verifiquem as d'ele. Não ocultarei que a empresa oferece dificuldades e perigos. Mister Summerlee tem necessidade de um companheiro mais novo. Há alguém que se ofereça?

E assim que surgem as grandes crises da existência. Certamente, ao entrar na sala, eu não podia prever que ia ao encontro de uma aventura como nunca sonhara. O que se me apresentava não era «o tal ensaio» de que falara Gladys? Ela tinha-me aconselhado a que partisse! Pus-me de pé e falei. Tarp Henry, a meu lado, puxava-me pela manga e eu ouvia-o murmurar: «Sente-se, Malone! Não esteja a fazer figura de imbecil diante de toda esta gente!» Ao mesmo tempo dei conta de um homem alto, delgado, com o cabelo cõr de cenoura, também de pé, algumas filas mais adiante, e que me olhava com cólera. Mas eu não cedia e todos os meus discursos, obstinadamente, chegavam à mesma conclusão:

— Eu partirei também, sr. presidente!

— O nome? O nome? — gritou a assistência.

— Chamo-me Eduardo Durnn Malone e sou repórter da *Daily Gazette*. Querem uma testemunha desapaixonada? Aqui teem uma!

— E o senhor? — perguntou o presidente ao meu rival — Como se chama?

— Lord John Roxton. Já subi o Amazonas. O conhecimento que tenho de toda a bacia desse rio dá-me preferência neste inquérito.

— E facto — disse o presidente — que lord John Roxton disfruta, como caçador e como viajante, uma reputação mundial, mas por outro lado não deixaria de ser conveniente associar a esta empresa um membro da imprensa.

— Nesse caso — disse o professor Challenger — proponho que a assembleia indique estes senhores para acompanharem o professor Summerlee na viagem que vai emprender para verificar a veracidade das minhas declarações.

E assim, por entre berros e gargalhadas, se determinou o nosso destino. Um tanto aturdido pelo péso da responsabilidade que acabava de assumir, deixei-me arrastar pela vaga humana, que rolava em direcção à porta. Quando saí, os estudantes acumulavam-se na rua e por cima da multidão um braço começou a brandir um guarda chuva, que se levantava e abatia pesadamente, mas, enfim, o automóvel do professor Challenger largou, saltado por manifestações de vária ordem e eu encontrei-me a caminhar sob as luzes de Regent Street, só, pensando na minha Gladys e preocupado com o que o futuro me reservaria.

Poucos passos andados, senti que me tocavam no cotovelo: voltei-me e vi cravados em mim, os olhos duros do homem delgado e alto que se tinha oferecido para participar comigo nesse estranho inquérito.

— É o sr. Malone, creio eu? — disse-me. —



... um tanto de Napoleão III, um tanto de D. Quilchote...



Três vultos, envoltos em impremiáveis...

Acompanho-o. Moro precisamente para este lado, em Albany. Quere fazer-me o obséquio de me dispensar meia hora de atenção? Tenho umas coisas a dizer-lhe...

CAPÍTULO VI

FUI O FLAGELO DE DEUS

Voltámos a esquina de Vigo Street e tomámos por uma galeria, que se abria a um dos lados desta rua, ao fim da qual lord Roxton empurrou uma porta e deu volta a um computador, acendendo-se, a esse movimento, numerosas lâmpadas eléctricas, com tulipas de cor, que inundaram de luz avermelhada uma vasta sala. Tendo parado na entrada, a minha primeira impressão foi a dum interior dum conforto e elegância extraordinários, mas em que dominava a energia masculina. O luxo dum homem de fino gosto misturava-se à desordem desleixada dum celibatário: Peles sumptuosas, esteiras extravagantes e variegadas vindas de algum bazar do Oriente, estavam dispersas pelo chão; quadros e gravuras, raras e custosas, pendiam das paredes; retratos de jogadores de «box» e de dançarinas e aspectos de corridas de cavalos alternavam com um voluptuoso Fragonard, um Girardet marcial e um Turner sonhador.

Por sobre esta magnífica miscelânea amontoavam-se troféus de toda a espécie, que me recordavam que lord Roxton fora um dos *sportmen* e dos atletas de mais nomeada do seu tempo. Dois remos cruzados por cima do fogão de sala, um azul escuro e outro cor de cereja, evocavam o velho campeão de Oxford e do Leander Club e, junto dos remos, os floretes e as luvas de «box» atestavam a supremacia do esgrimista e do pugilista. Toda a sala estava guarnecida, em volta, por cabeças de peças de caça grossa, as mais belas que um caçador pode abater em todos os países do mundo, dominando todas as outras uma das mais raras, a

do rinoceronte branco do Zado, trombuda e desdenhosa.

Um fôfo tapete vermelho forrava o chão. Ao centro da sala estava uma mesa Luis XV, negro e oiro, e sobre este móvel precioso e venerável, que os vincos dos copos e as queimaduras dos charutos deshonravam, havia um serviço de fumo, de prata, junto do qual reluzia um licoreiro. Sem descerrar os lábios, lord Roxton pegou num sifão, encheu dois grandes copos, indicou-me uma cadeira, pôs-me na frente uma das bebidas que acabara de preparar, ofereceu-me um enorme «havano» e, sentando-se também pôs-se a examinar-me, durante muito tempo, cara a cara, com os seus olhos auzades, scintilantes e límpidos, que tinham o azul frio dum lago gelado.

Através da ligeira névoa, que entre nós estendia o fumo do meu charuto, eu ia surpreendendo os pormenores daquela fisionomia, com que já me familiarisára em fotografias: o nariz agudo, as faces fatigadas e frouxas, o cabelo dum louro acobreado rareando na frente e nas temporas, o bigode frisado e viril, a barbicha terminando em ponta, prolongando o queixo saliente: um tanto de Napoleão III, um tanto de D. Quixote e ainda algum tanto do fidalgo inglês de província, vivo, ágil, apaixonado pelo ar livre, por cães e por cavalos. O vento e o sol tinham-lhe curtido a pele. Os sobrolhos espessos e salientes davam-lhe ao olhar um ar quasi feroz, sob o aspecto enérgico da fronte sulcada de rugas. Magro, mas vigoroso, muitas vezes provára já que poucos homens na Inglaterra eram, como ele, capazes dum esforço prolongado. Media sete pés de altura, mas a largura dos ombros fazia-o parecer mais baixo. Era assim que eu o estava vendo, enquanto ele, mordiscando o charuto, me observava também fixamente, num longo e pesado silêncio.

— Com que então, meu caro senhor — disse ele, finalmente — atirámo-nos de cabeça? Eu suponho que, ao entrar na sala, não lhe passava pelo espirito...

— Não levava ideia nenhuma sobre o nosso caso.

— Nem eu. E agora eis-nos metidos na água até o pescoço. Há três semanas cheguei da Uganda, escrevi para um certo cantinho da Escóssia que me agrada, aluguei casa, assinei o contracto... É um caso curioso, não é verdade? E o senhor?

— Oh! quanto a mim, isto faz parte da minha vida. Sou jornalista, na *Gazette*.

— Foi, com efeito, o que o senhor disse, quando se ofereceu. E a propósito vou pedir-lhe, se me permite, o seu auxilio para uma pequena tarefa.

— Com todo o gosto.

— O senhor não recua perante um risco?

— Mas que risco?

— Ballenger. Espero que tenha ouvido falar de Ballenger?

— Não ouvi.

— Mas onde tem o senhor vivido? Jack Ballenger é o primeiro *gentleman-sider* do norte de Inglaterra. Eu igualo-o em campo plano, mas ele bate-me nos obstáculos. Toda a gente sabe que, quando acaba os seus períodos de preparação, bebe sem conta nem medida, chamando êle a isto «tirar a média». O pobre homem está atacado de loucura furiosa, desde terça-feira. Os médicos não respondem por êle se não se consegue fazer-lhe ingerir algum alimento, mas, como se dê o caso de êle não sair da cama, de

ter o revólver debaixo dos lençóis e de prometer seis balas no corpo do primeiro que se lhe aproximar, os criados, naturalmente, põem-se em greve.

«O nosso Jack tem mão firme e quando dá é a matar. Mas, diga-me o senhor: pode consentir-se que se fine desta maneira um vencedor do Prémio Nacional?

— O que quere fazer?

— Queria, com a sua ajuda, atacá-lo de improviso. Podemos até ter a sorte de o apanhar a dormir. Na pior das hipóteses, êle só conseguirá atingir um de nós e o outro poderá então dominá-lo. Se conseguirmos envolvê-lo com o travesseiro, administrar-lhe-hemos, por meio dum sonda, o alimento que deve salvar-lhe a vida.

Era, na verdade, um caso grave, êsse, que vinha surpreender-me no exercicio da minha profissão. Eu não me gabo de ser um bravo e a minha imaginação irlandesa transforma-me sempre o desconhecido em fantasmas, mas, ao mesmo tempo, tenho o horror da cobardia e o medo de parecer covarde. Como o huno da história, eu era capaz de me lançar num precipício, por pouco que para tal me provocassem e, fazendo-o, obedecia mais a um sentimento de orgulho do que a um rasgo de coragem.

Assim, ainda que todos os meus nervos estivessem arrepanhados com a ideia daquele louco alcoólico, que eu imaginava lá em cima, no seu quarto, foi com o maior despreendimento que respondi que estava pronto para o que fosse preciso. As inquietações, que lord Roxton julgou dever ainda manifestar, só serviam para me acirrar.

— Não é com palavras que as coisas se háo de fazer — disse eu. — Vamos!

Levantámo-nos, mas logo, com uma rizadinha satisfeita, batendo-me pancadinhas no peito e obrigando-me novamente a sentar, êle exclamou:

— Isto vai bem, meu rapaz! O senhor serve para o nosso caso.

Olhei-o surpreendido.

— Eu próprio tratei esta manhã de Jack Ballenger: por felicidade êle disparou com mão pouco firme e a bala atravessou-me simplesmente a manga do «kimono». Atirámo-nos-lhe um casaco para cima. Deve poder levantar-se dentro de oito dias. Não me fica querendo mal, não é verdade? Aqui entre nós, eu considero muito séria esta expedição à América do Sul e quero ter por companheiro um homem em quem possa confiar. Estive a medi-lo e o senhor não desmereceu no meu conceito. Lembre-se de que temos que dividir entre nós dois todo o trabalho, porque no que respeita o velho Summerlee temos que começar por alimentá-lo ao *hiberon*. A propósito: o senhor é aquele Malone de quem se diz que é já um dos melhores jogadores de *rugby* da Irlanda?

«A sua fisionomia não me é estranha. Salvo caso de força maior, não me falha um *match* de *rugby*, que é o jogo mais másculo dos que ainda temos. Mas não o trouxe até aqui para lhe falar de sport. Temos que tomar algumas resoluções. Aqui está, na primeira página do *Times*, a lista das partidas dos vapores. De quarta-feira a oito dias há paquete para o Pará e se o senhor e o professor não virem nisso inconveniente, poderemos tomá-lo... Bem, enterder-me-hei com êle. E a respeito do seu equipamento?

— O meu jornal encarrega-se de tudo.

— O senhor maneja uma espingarda?

— Como um autêntico «territorial» de Inglaterra.

— Quê? Tão mal como isso? O' senhores! Mas porque será que o manejo da espingarda é a última coisa que prende a atenção dos rapazes? Um enxame de abelhas sem ferrão! Havia de fazer uma linda cara quando, mais dia menos dia, vos vierem tirar o mel! E bem necessário, na América do Sul, saber meter a arma à cara, porque se o nosso amigo, o professor Challenger, não é um mentiroso nem um doido, nós não regressaremos sem termos assistido a estranhos sucessos. Ora vejamos...

Dirigiu-se a um armário de carvalho, abrindo de par em par as portas. No interior, em filas paralelas, os canos de numerosas espingardas brilhavam, semelhando tubos dum órgão.

— O que escolherei para si, no meu arsenal?

Uma após outra, foi tirando uma série de magníficas carabinas, que abria e fechava, com um ruído seco, acariciando-as, como uma mãe ace-

ria os filhos, antes de as tornar a pôr no seu lugar.

— Aqui está uma «Bland Express», calibre 577. Foi com esta que abati aquele amigo — e indicava com os olhos o rinoceronte branco. Mais dez jardas e era ele que me juntaria à sua colecção.

Neste combate o fraco encontra salvação
Dum cone plúmbeo no voador poder.

«Creio que conhece o seu Gordon, o poeta do cavalo e da espingarda, que canta e maneja com igual felicidade. Mas aqui temos nós uma bela arma: calibre 470, alça telescópica, ejector duplo, 150 jardas de alcance. Servi-me dela no Peru, há uns três anos, contra os exploradores de escravos. Fui, nesse país, o flagelo de Deus. Nenhum Livro Azul menciona o caso, mas eu posso garantir-lho. Há momentos na vida, meu rapaz, em que temos de nos ocupar de questões de justiça humana, aliás sentir-nos-íamos pouco limpos de consciência. Fiz guerra por minha conta, declarei-a eu próprio, paguei-a do meu bolso e rematei-a sozinho. Cada uma destas armas corresponde à morte de um traficante de escravos. Aquela, a maior, foi para o mais feroz de todos, Pedro Lopez, que eu matei numa laguna do rio Putumayo. Mas espere! Está aqui uma que lhe serve.

E tirou do armário uma bela carabina, com incrustações de prata.

— Arma de precisão, coronha almofadada de borracha, cinco cargas no depósito. Pode fiar-se nela — acrescentou, dando-me a carabina e fechando o armário.

— Diga-me — continuou ele, voltando a sentar-se — o que sabe a respeito do professor Challenger?

— Foi hoje a primeira vez que o vi.

— Também eu. No fundo, é patusco isto da gente embarcar assim, sem mais nem menos, levando carta de prego dum homem que nem um nem outro conhecemos. O professor tem uns ares de pássaro arrogante e parece que os colegas o não estimam muito. Onde lhe vem o interesse que o senhor tem pela questão?

Contei-lhe, abreviadamente, as minhas aventuras dessa manhã, que ele ouviu com toda a atenção. Em seguida pegou num mapa da América do Sul e desenrolou-o sobre a mesa.

— Creio que Challenger só lhe contou a verdade — declarou lord Roxton, gravemente. — Tenho alguma autoridade para lho afirmar. Eu gosto imenso da América do Sul. Olhe para ela: é o mais vasto, o mais admirável bocado do nosso planeta. Ainda é mal conhecida e nada se pode prever do que o futuro lhe reserva. Percorri-a de ponta a ponta, nela passei duas estações secas quando, como lhe disse, andei guerreando os eslavagistas e ouvi por lá narrativas do género daquelas de que Challenger lhe falou, tradições índias, que tinham, sem dúvida, um fundo de realidade. Quanto mais se explora este país, mais nos convencemos de que tudo nêle é possível. Viaja-se, ao longo dos rios, seguindo-se estreitos trilhos, para fora dos quais tudo é mistério. Olhe, aqui, em Mato Grosso — e passeava o charuto fumegante por cima do mapa — e ali, naquelle ângulo onde três países enfronteiram, nada por mais estranho que fôsse, me surpreenderia. Como disse há pouco o nosso homem, existe por lá um curso de água de muitas milhas, que circula através duma floresta que tem quasi a superfície da Europa.

«Nós os dois podíamos estar na grande floresta brasileira e, no entanto, mantermos entre ambos a distância que separa a Escóssia da Turquia. Através deste labirinto, o homem apenas tem aberto, aqui ou acolá, uma verêda, acrescentando que o rio sobe por vezes até cerca de quarenta pés e metade da região transforma-se num pantano insuperável. Porque não admitir que uma região assim possa ocultar algo de extraordinário? Porque não seremos nós quem o descobrirá? Além do que — e a sua face irradiava felicidade — teremos por lá as grandes sensações da caça, que são o sal da vida. Os riscos da caça só por si provocam o prazer de viver e sem elles tornam-nos moles e sensaborões. Para mim, nada há como as grandes extensões que se percorrem de arma em punho, em busca de qualquer coisa que bem mereça ser procurada! Já experimentei a guerra, o *steeple-chass*, os aeroplanos, mas a caça aos grandes carnívoros é ainda para mim, como

para outros os delicados piteus, uma volúpia sempre nova.

E lord Roxton dava estalinhos com a língua, gulosamente.

Talvez me tenha demorado demais na descrição desta entrevista, mas lord Roxton vai ser, durante muito tempo, meu companheiro e por isso pretendi descrevê-lo tal como o conheci nessa noite, com a originalidade dos seus modos, das suas ideias e das suas palavras. A obrigação de ir ao jornal fazer o relato da sessão lançou-me a deixá-lo. Quando sai, lord Roxton, sob a claridade rosada das lâmpadas, entrelinha-se a untar a sua espingarda e sorria, pensando nas nossas próximas aventuras. Decididamente, para partilhar comigo os perigos prováveis que me esperavam, eu não poderia encontrar em toda a Inglaterra um cérebro mais calmo e um coração mais audacioso.

Se bem que bastante fatigado pelos acontecimentos excepcionais desse dia, fiquei ainda uma parte da noite a conversar com Mc. Arde. Expus-lhe os factos de forma que elle julgou de seu dever expô-los, por sua vez, no dia seguinte, ao director, *sir Jorge Peaumont*. Acordamos em que eu enviaria ao jornal descrições pormenorizadas da minha viagem, que estas descrições revestiriam a forma de cartas dirigidas a Mc. Arde e que a *Gazette* as publicaria à medida que fôsse chegando ou as reservaria para lhes dar ulterior publicidade, conforme o professor Challenger quizesse, porque nós desconhecíamos ainda as condições que elle devia impor, ao fornecer-nos os elementos para nos dirigirmos ao ignorado país. Interrogamo-lo pelo telefone: começou por barafustar contra a imprensa e terminou por prometer que, se lhe dissessemos qual o vapor em que tencionávamos embarcar, nos daria, à partida, as indicações que lhe parecessem convenientes. A uma segunda chamada responderam-nos os queixumes da mulher de Challenger, dizendo-nos que elle estava muito encolerizado e pedindo-nos que o não exasperássemos mais. Uma terceira tentativa, mais tarde, pelo dia adiante, deu em resultado um barulho medonho, a que se seguiu logo o aviso da estação central de que o aparelho telefónico do professor Challenger estava inutilizado. Renunciámos.

Doravante deixo de me dirigir directamente ao leitor e se tiver de continuar a falar da minha pessoa será por intermédio do jornal, que represento. Deixo nas mãos do meu director estas quantas páginas, simples prefácio da história da mais surpreendente expedição que já mais se empreendeu.

Se eu não voltar a Inglaterra, saber-se há por elas, ao menos, como o empreendimento se organizou. É no salão do *Francisca*, da companhia Booth, que tomo ainda estas notas, que irão, por intermédio do piloto, dormir no cofre de Mc. Arde.

Gostava de terminá-las com um quadro, que é a última recordação que levo do meu país. Uma manhã brumosa e fria do fim de primavera, uma chuvinha penetrante e glacial e três vultos que, envoltos em impermeáveis reluzentes de água, se encaminham, através do cais, para a ponte de embarque de um grande pa-

quete, em cujo mastro flutua o sinal de botafóra. À frente, caminha um carregador, empurrando um carrinho em que se acumulam malas, mantas de viagem e armas. O professor Summerlee, esguio, melancólico, arrasta as pernas, curva a cabeça, como que esmagado de tristeza; lord Roxton, pelo contrário, avança em passo lesto e o seu rosto ossudo resplandece entre o «cache-côl» e o boné de caça, que lhe cobre a cabeça; quanto a mim, toda a minha pessoa deve, sem dúvida, respirar alegria, por terem terminado as inquietações dos preparativos e o pezar dos apartamentos. Ao chegar ao vapor, ouvimos um berro, por detrás de nós. O professor Challenger prometera estar conosco à partida e vimos-lo vir, a toda a pressa, juntar-se a nós, bufando, vermelho e furioso.

— Não, obrigado, — disse-nos elle — prefiro não ir a bordo. Tenho poucas palavras a dizer-lhes e posso fazê-lo aqui mesmo, perfeitamente. Não vão pensar que lhes fico em obrigação pela viagem que vão fazer, porque me é completamente indiferente. A verdade é a verdade e nenhuma das vossas narrativas poderá affectá-la seja qual for a emoção que suscite, seja qual for a curiosidade que satisfaça, curiosidade, de resto, de gente sem importância.

«Neste sobrescrito lacrado encontrarão os senhores as minhas instruções, para por elas guiarem a sua conduta. Só o abrirão quando chegarem a uma cidade do Amazonas, chamada Manaus e somente no dia e hora indicados no sobrescrito. Faço-me, claramente, entender? Confio da honra pessoal de cada um dos senhores o respeito pelas minhas condições. Não, senhor Malone, não faço restrições para a sua correspondência, pois a sua viagem tem um fim de publicidade, mas peço-lhe que não indique, precisamente, coisa alguma que respeite ao seu destino e que nada deixe transparecer, senão quan-



O sr. Mortman teve a feliz ideia de nos levar para a sua hospitaleira «fonda»

do regressar. Até à vista! O senhor conseguiu atenuar um pouco o rigor dos sentimentos que professo pelo triste mister que exerce. Até à primeira, lord Roxton! Para o senhor, ao que me consta, a sciência é letra morta, mas felicite-se pelas caçadas que o esperam, que lhe proporcionarão ensejo para um dia poder contar, no *Field*, como conseguiu abater o «dimorphodon» voador. Até à volta, professor Summerlee. Se o senhor ainda é susceptível de progredir, o que eu duvido, regressará a Londres mais sábio.

Rodou sobre os tacões e, momentos depois, da amurada do navio, pude ver ainda a sua figura dirigindo-se para o trem, com o seu andar balançado. Mas eis-nos descendo já a Mancha. A sineta de bordo toca pela última vez, para as cartas. O piloto deixa-nos. Fazemos rumo ao largo... Que Deus abençoe os que ficam e nos conduza, a nós, sãos e salvos.

CAPÍTULO VII

AMANHÃ DESAPARECEREMOS NO MISTÉRIO

Passo em claro a nossa travessia, feita nas melhores condições. Demorámo-nos uma semana no Pará, onde encontramos na firma Pereira Pinto um auxilio precioso para completarmos a nossa bagagem. Depois, subimos um vasto rio, argiloso e lento, num «steamer» quasi tão poderoso como o que nos transportara através do Atlântico e, transpando o canal de Obidos, chegámos, por fim, a Manaus. Ali preguicávamos, aborrecidos, no hotel, quando o agente da Companhia Commercial Anglo-Brasileira, o senhor Shortman, teve a feliz idea de nos levar para a sua hospitaleira «fazenda», onde se decidiu que ficássemos até o dia em que pudessemos abrir o sobrescrito, que continha as instruções de Challenger. Antes de chegar este dia memorável, quero apresentar os meus companheiros e os auxiliares, que já recrutámos na America. Se na descrição vir demasiada franquesa, confio à sua discreção, senhor Mc Ardle, o uso destes documentos, que só chegarão até ao público depois de estarem algum tempo em seu poder.

São suficientemente conhecidos, para que eu tenha de deter-me a falar d'elles, os méritos scientificos do professor Summerlee, mas eu julgava-o menos preparado, do que realmente está, para uma expedição deste género. Aquele corpo delgado e ético, todo nervos, não se resente da fadiga; os seus modos sérios, semi-sarcásticos, por vezes antipáticos, não sofrem modificação alguma nem se deixam influenciar pelo meio nem pelas circunstâncias. Com sessenta anos feitos, vejo-o partilhar das dificuldades que nos surgem, sem um gesto de descontentamento. É sceptico e aggressivo. Na sua opinião, que nos confiou logo nos primeiros dias de viagem, Challenger anda nisto tudo de má fé e empurrou-nos para uma empresa absurda, da qual não colheremos senão perigos, esperanças frustradas e ridiculo. De Southampton a Manaus não se fartou de nos repetir esta sua opinião a respeito de Challenger, furioso, a barbiga de cabra agitada pela cólera; mas, depois que desembarcámos, a beleza e a variedade dos insectos e das aves teem-no calmando um pouco, porque Summerlee professa uma verdadeira devoção pela sciência. Passa os seus dias a percorrer os bosques, com a espingarda e a rede de apanhar borboletas, e à noite dissecava e arma os numerosos exemplares, que durante o dia caçava.

Nota, como particularidades secundárias, que é despreocupado no vestir, que cuida mediodocemente da sua pessoa, que é distraído e que nunca deixa de trazer nos dentes um cachimbo de esteva. Na sua mocidade tomou parte em numerosas expedições scientificas, entre ellas a de Robertson aos papúas, e por isso a vida de acampamento não tem surpresas para elle.

Lord John Roxton, se em alguns pontos se parece com o professor Summerlee, noutros é o seu mais flagrante contraste. Mais novo vinte anos do que o professor, tem, todavia, alguma coisa do

seu fisico magrízela. Já o descrevi — devem lembrar-se — naquelle pedaço da minha narrativa que deixei em Londres. Muito metódico, muito correcto, enverga sempre o fato de cotim branco, calça os seus borzequins com polainas altas, que o preservam dos mosquitos e barbeia-se, pelo menos, uma vez ao dia. Nas suas frases há o laconismo próprio dos homens de acção, mas, ainda que esteja sempre pronto a mergulhar nos seus pensamentos, não é menos pronto em responder, quando o interrogam e intervem de boa mente nas conversas que se travam. Fala dum modo estranho, sacudido e semi-jocosos e possui do universo, principalmente da America do Sul, conhecimentos tão vastos que surpreendem. Tem nas conseqüências possíveis da nossa viagem uma fé profunda, que os motejos do professor Summerlee não conseguem abalar. A sua voz é suave e o seu gesto tranqüilo, mas na scintilha azul do seu olhar adivinha-se que é susceptível de cóleras furiosas e de frias resoluções.

Pouco nos tem contado das suas aventuras no Perú e no Brasil e por isso foi para mim uma revelação verificar o effeito produzido pela sua presença nas populações ribeirinhas, que o consideram como seu campião e protector. As proezas do Chefe Vermelho, que é como os indigenas lhe chamam, revestem entre as tribus um carácter já lendário, se bem que, segundo o que pude apreender, a realidade bastasse para lhe dar prestigio.

E a realidade era a seguinte: Alguns anos antes, lord Roxton encontrava-se nesse vasto território sem attribuição, onde se encontram, mal definidas, as fronteiras do Perú, do Brasil e da Columbia. A árvore da borracha brotava ali espontânea e abundante e, como no Congo, tornou-se para os indigenas um verdadeiro flagelo, só comparável ao das antigas minas de Dansien, quando os espanhois os compeliam pela violência a trabalhar na exploração. Um grupo de infames mestiços instalou-se na região, que entre elles foi repartida e de que, como donos, se asseinhorearam. Armaram o número de indios que lhes pareceu necessário para a defesa das suas pessoas e reduziram os outros à escravidão, aterrorisando-os e infligindo-lhes as torturas mais atrozes para d'elles obterem a borracha, que enviavam depois pelo rio, para o Pará. Lord John Roxton começou por advogar a causa das pobres victimas, mas só lhes responderam com ameaças e injúrias. Então declarou guerra a Pedro Lopez, o chefe dos exploradores de escravos, sublevoou um pequeno grupo de escravos evadidos, armou-os e à frente d'elles encetou a campanha, que só terminou quando por suas próprias mãos matou o célebre mestiço, terminando com esta morte o regime infame que até então se mantivera.

Não era, por conseqüência, para admirar que este homem de cabelo louro e voz suave, de modos desprendidos e livres, fôsse alvo duma consideração extrema por parte das populações das margens do grande rio americano, se bem que os sentimentos que inspirava fôsem de vária ordem, pois o reconhecimento que os indigenas lhe votavam era igualado pelo ódio daqueles que com elles tinham querido explorar. Da sua primeira passagem pelo território ficara falando correntemente a «lingua geral», dialecto especial do Brasil, em que o portuguez entra na razão dum terço de mistura com a lingua indigena.

Disse já que lord Roxton se devotára apaixonadamente à America do Sul. Falava dela com um entusiasmo que, no estado de ignorância em que eu me encontrava, me empolgava, estimulando-me a curiosidade e fazendo-me fixar a atenção. Como eu desejaria +++ traduzir o encanto das suas palestras, mistura original de precisão e fantasia pistoresca, cuja sedução até se exercia sobre o próprio Summerlee, a ponto de, pouco a pouco, ao ouvi-lo o professor falar, se lhe ir apagando no rosto anguloso aquelle seu sorriso sceptico! Contava-nos a história do grande rio, tão cedo começado a explorar (porque alguns dos primeiros conquistadores do Perú atravessaram todo

o continente navegando sobre as suas águas) e contudo, tão desconhecido para além das suas margens, sempre var-áveis.

— O que há para ali? — exclamava elle, apontando para o norte. — Florestas, pântanos, juncaes impenetráveis! O que se abrigará por detrás disto tudo? E para o sul, o que há? A floresta paludosa e selvagem, onde nunca um branco se aventurou a entrar! Dum e doutro lado, ergue-se o mistério! Nada é impossivel num pais de que só se conhecem as estreitas veredas que margeiam os rios! Porque não há-de Challenger ter razão?

A este desafio directo, o rosto de Summerlee readquiriu o seu arzinho habitual de ironia e, num silencio teimoso, o professor acenou com a cabeça, através da nuvemzinha que subia do seu cachimbo.

Parece-me desnecessário insistir na descrição dos meus dois companheiros brancos, porque elles, assim como eu, terão seguramente ensejo de melhor manifestarem o seu carácter e os seus recursos, à luz dos acontecimentos futuros. Vou, portanto, falar dos homens que já tomámos ao nosso serviço e que podem, por sua vez, ter também um papel a desempenhar. Temos, primeiro, um negro gigantesco, chamado Zambou, docil como um cavallo e cuja intelligência regula pela do mesmo animal. Contratámo-lo no Pará e foi-nos recomendado pela Companhia de Navegação a Vapor, que o empregava a bordo dos seus navios, devendo elle a esta circunstancia o engolar um pouco de inglês.

Foi também do Pará que trouxemos Gomez e Manuel, dois mestiços do alto Amazonas, que tinham chegado com carregamento de pau brasil. Barbudos e de pele fôsea, o que lhes dá um aspecto feroz, corpos flexiveis e nervosos como os das panteras, os dois mestiços teem passado toda a vida na região do alto Amazonas, que nós vamos explorar e foi esse o motivo que levou lord Roxton a contratá-los. Além disso, Gomez tem a vantagem de falar perfeitamente inglês.

Os dois devem servir-nos de criados, cozinhar, remar e exercer mais uma infinidade de occupações, tudo isto por cincoenta dolars por mês de salário. A este pessoal acrescem mais três indios da tribu Mojo, que é, de todas as tribus do rio, a mais hábil no que respeita a navegação e pesca. Ao chefe chamamos Mojo, do nome da sua tribu, e aos outros dois designamo-los por José e Fernando.

Três brancos, dois mestiços, um negro e três indios tal era o pessoal da expedição que, em Manaus, aguardava as instruções necessárias para partir. Depois duma fastidiosa semana chegou enfim o dia em que iamos conhecê-las. Scenário: o salão, mergulhado numa semi-obscuridade, da «fazenda de Santo Inácio», em pleno campo, a duas milhas da cidade; lá fora um sol cobreado e vivo recorta as sombras das palmeiras, tão nitidas e tão negras como se fôsem as próprias árvores que ro chão se estendessem; o ar calmo, vibrante do zumbido dos insectos, que desde a abelha ao mosquito, desde o tom grave no agudo, formam um coro de inúmeras oitavas; para lá da varanda um pequeno jardim bem cuidado, rodeado de sebes de cactos, ornado de arbustos em flor, em volta dos quais ajeitam grandes borboletas azuis e os minúsculos passarinhos-môscas, descrevendo curvas deslumbrantes de colorido. Sentados em torno duma mesa de vêrga, contemplamos o sobrescrito lacrado sobre o qual o professor Challenger traçou, com a sua caligrafia farpada, as linhas seguintes:

«Instruções para lord John Roxton e seu grupo. Para abrir só em Manaus, a 15 de Julho, no meio dia em ponto».

Lord Roxton tinha posto o relógio sobre a mesa, junto de si.

— Ainda sete minutos — disse elle. — A vontade do professor é formal.

Summerlee teve um sorriso azêdo e pegando com a mão descarnada no sobrescrito:

(Continúa.)

Vêr, nos n.º 29, 30 e 31 as condições e prémios do concurso do romance

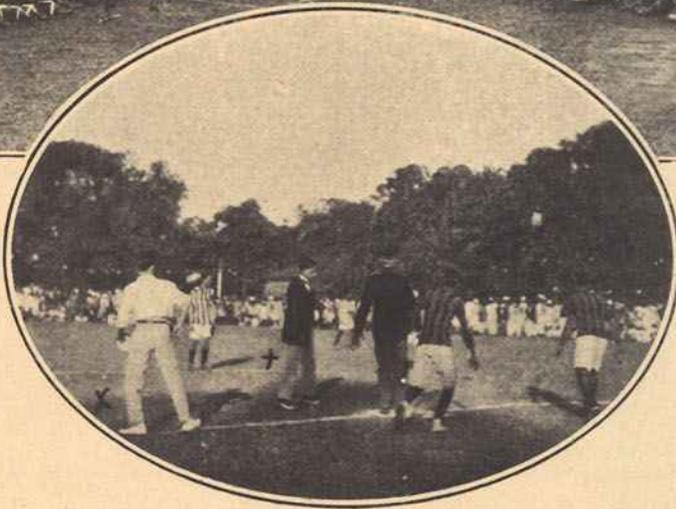
O MUNDO PERDIDO

O DESPORTO NAS NOSSAS COLÓNIAS



FOOT-BALL

Na Índia Portuguesa.—No campo de Duler, de Mapuçá de Bardês, no dia 5 de Dezembro passado, realizou-se a final de um torneio de foot-ball que o Grémio Literário e Recreativo de Mapuçá organiza todos os anos. O número de «equipes» inscritas subiu a quinze, tendo sido aprovadas para a final, o Grupo Desportivo de Pangim e o «Calangute Team» tendo o primeiro vencido por 3 goals a 0.



A assistência calcula-se em mais de dez mil pessoas, estando presente o sr. General Massano de Amorim, governador, e muitas autoridades.

Publicamos aqui dois aspectos desta festa desportiva, vendo-se sentados no Pavilhão de Honra, o sr. Governador, dr. R. dos Santos e ten. Ferreira. De pé estão formados os dois grupos antes de começar o encontro.

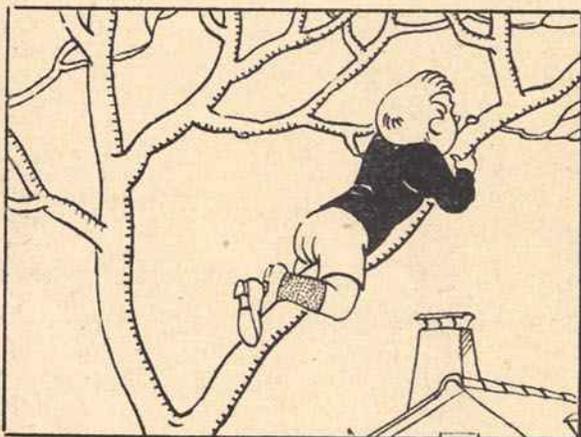
No oval vê-se o sr. General Massano de Amorim ao dar o pontapé inicial do «match».



EM ANGOLA.—Aspecto do recinto na cidade Sá da Bandeira, onde teve lugar no dia 1.º de Dezembro do ano findo uma festa desportiva

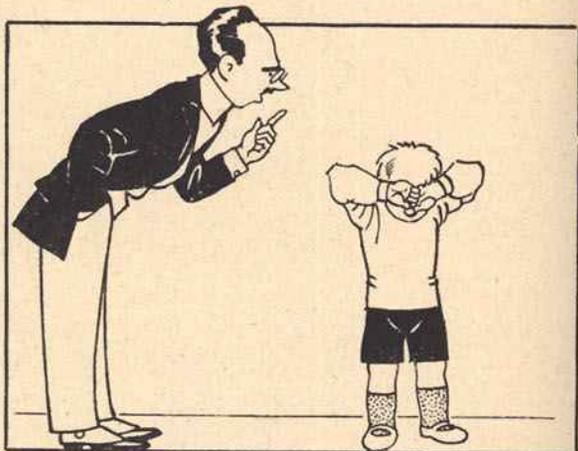
Página Infantil

„O Necas encarrapitado!“



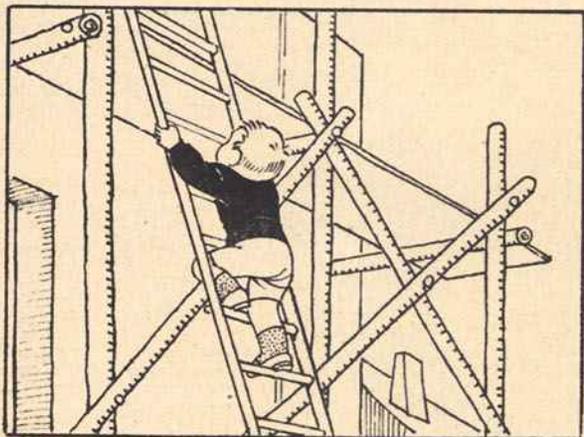
Tinha o Necas a mania
De trepar a quanto via.

Poste, parede ou pinheiro,
Tudo, p'ra ele, é poleiro.



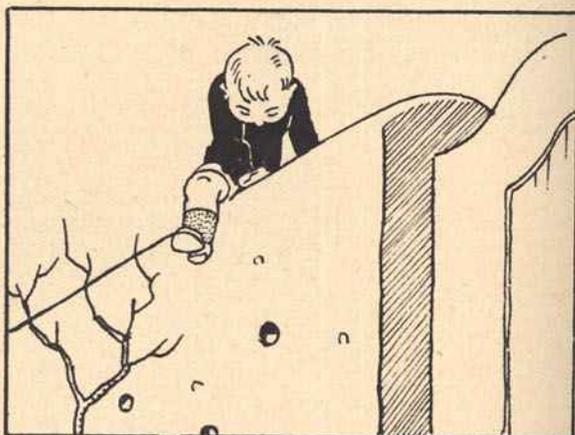
Ralha o pai e com rasão,
Pois teme vê-lo no chão...

Que é frequente um tal sinistro
Mesmo em quem trepa a ministro



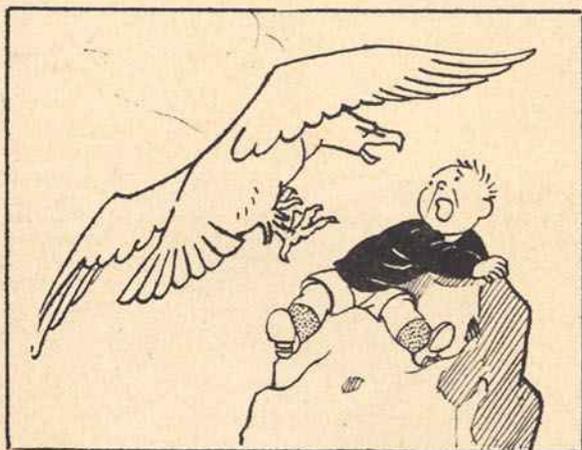
Faço o Necas trepador
Ouvidos de mercador.

De casa um dia fugiu...
— Olha um andaime!... E subiu!...

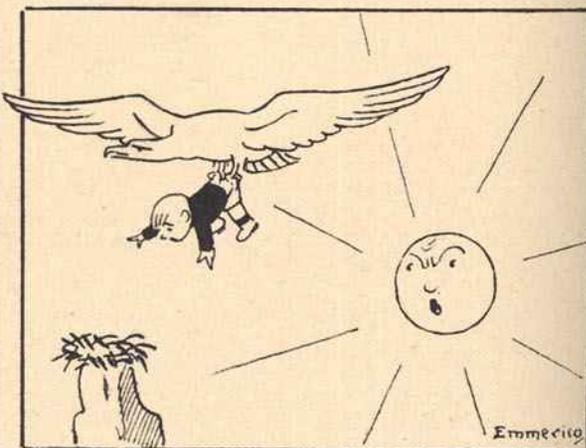


Trepa a telhados e muros
Faço no fatinho alguns furos

Salta sobre as chaminés,
Rasga as mãos e esfolta os pés.



Mas eis que, cheio de medo,
Se vê num alto rochedo,
Onde uma águia — que risco! —
Lhe diz: «Que belo petisco!»



E co'as garras, p'las cuecas.
Arrebatou o pobre Necas...
Foi um sonho... um sonho vão...
Mas que serviu de lição!...

P A S S A T E M P O

PALAVRAS CRUZADAS
Solução do 31.º número)



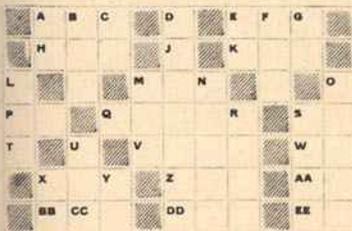
NÚMEROS CRUZADOS

Apresentamos desta vez uma novidade aos nossos leitores: é em lugar do nosso já bem conhecido passatempo de palavras cruzadas, um do mesmo género, mas em números, para variar.

Consiste o passatempo em pôr um algarismo único em cada um dos quadrados brancos, de modo a darem a sôma certa que abaixo indicamos. Assim os três algarismos da linha horizontal A devem somar 9. Os dois algarismos na vertical A hão de somar 4. Tôdas as diagonais, vindo da esquerda, de cima para baixo (como J, N, R) chamam-se *Para baixo*; as que seguem da esquerda para cima (como X, U, Q, M, J) chamam-se *Para cima*.

Ao fazer as sômas, para-se nos quadrados pretos, tal e qual como nos passatempos das *Palavras cruzadas* se para também aolêr estas.

O problema não é muito difícil se descobrirem a maneira melhor de começar a decifrá-lo, que no próximo número explicaremos. O o não entra em parte alguma nesta disposição de números.



Horizontalmente: — A, 9; E, 16; H, 12; K, 4; M, 8; P, 13; Q, 32; S, 5; V, 8; W, 3; X, 9; Z, 13; AA, 7; BB, 9; DD, 18; EE, 8.
Verticalmente: — A, 4; B, 15; C, 7; D, 34;

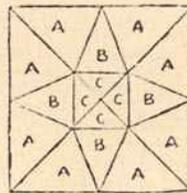
E, 4; F, 16; G, 8; L, 18; M, 11; N, 22; O, 17; R, 18; S, 10; U, 9; X, 9; Y, 7.

Diagonalmente (para baixo): — B, 15; F, 11; H, 20; J, 10; K, 11; L, 26.

Diagonalmente (para cima): — I, 11; T, 21; X, 35; CC, 12; Z, 20; EE, 8.

UM QUADRADO PERFEITO

(Solução)



O CAMINHO DIREITO

Ciclista: — Por esta estrada, vou ter a Que-luz?

Rapação do sítio: — Vai, sim senhor, o que vai é às avessas; tem de virar para trás e seguir depois na sua frente.

Foi certo moleiro avisado de que sua mulher acabava infelizmente, de cair ao rio. Deixou a pedra que estava temperando, despiu a jaqueta, saiu do moinho e largou a correr pela margem, rio acima, afim de salvar a esposa.

— Compadre, diz-lhe um dos setz fregueses, se quer encontrá-la deve tomar a direcção oposta, porque a água deve-a ter levado pelo rio abaixo.

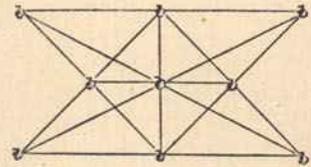
— Ah! compadre, respondeu o moleiro, mos-

trando-se consternado, muito pouco deve você conhecer o génio de minha mulher! Era tão atreita a discutir e amiga de contrariar que, para disputar ainda que seja com a água, estou certo de que foi pelo rio acima.

A PLANTAÇÃO DE ARVOREDO

(Problema)

A maior parte da gente conhece o antigo problema, atribuído a Isaac Newton, do homem que tinha de plantar nove árvores, de modo a formarem dez filas com três árvores em cada fila. Vem a ser esta, está bem de ver, a maneira de resolver o problema:



Preguntamos nós agora: Se o homem tivesse comprado mais uma árvore e quisesse ter cinco filas com quatro árvores em cada fila, qual é o menor número de árvores que seria obrigado a transplantar e como teria de dispor as dez árvores?

OS ÓCULOS DA AVÓ

— Avózinha, é verdade que os seus olhos aumentam as cousas?

— E, sim, meu amor.

— Então, avózinha, faz favor tira-os, antes de me deitar o doce no prato?

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM FEVEREIRO DE 1927

LITTERATURA

- ARAGÃO (HELENA DE) — *Romance de uma alma*. — 372 p., 8.^o — 6500.
- BANDEIRA (PEDRO) — *bôca de scena*. Monólogos e anedotas. Prefácio de Albino Forjaz de Sampaio. — 144 p., 8.^o — 7500.
- BLASCO MERCEDES — *Como eles são...* — 160 p., 8.^o — 7500.
- BREYK *roteiro do viajante em Tomar e arredores*. — 15 p., — 1500.
- CHAMPOI — *Dois noivados*. (Romance). Trad. de Flórbela Espanca Lage. — 304 p., 8.^o — 10500.
- DANTAS (JULIO) — *Le Reveillon des cardinaux*. Trad. française de Celestino Soares. — 31 p., 8.^o — 3500.
- FARIA (GUILHERME) — *Destino*. (Versos). — 93 p., 8.^o
- FORJAZ DE SAMPAIO (ALBINO), organizador — *Ramalhó Ortigão, a sua vida e a sua obra*. (Collecção Patricia). — 16 p., il. — 2500.
- GALIANO TAVARES (A. R.) — *Prateleira de insignificâncias*. (Um ano de modesto jornalismo). 216 p., 8.^o
- GONZAGA CABRAL (P. LUÍS) — *Inéditos e dispersos*. II — *Teatro*. — 482 p., 8.^o — 30500.
- LEITE (ARNALDO) — *Versos dum portuense*. Prefácio do Dr. Campos Monteiro. — 130 p., c. capa il. — 10500.
- MAGALHÃES LIMA (JAIME DE) — *Cântido da Cunha, o pintor do mysterio da paisagem*. Conferência. — 47 p., 8.^o
- MIRANDA (ARMANDO DE) — *Varanda de lilizes*. Poemas. Capa de Adolfo Torralba (Castañel). — 85 p., 8.^o
- MIRANDA (J. DE) — *A Leviana*. (Versos). — 35 p., 4.^o — 2500.
- MONTEIRO (MARIO) — *Perfumes e rendas*. 1 acto, em verso. 2.^o ed. — 46 p., 8.^o — 5500.
- PAPIM, PAPUSSE & C.^a — *Aventuras cómicas*. (Biblioteca Pim-Pam-Pum! vi vol.) — 35 p., il. — 5500.
- PASSOS (ANTÓNIO) — *A excelente aventura do cavaleiro Aloiz. O scepticismo do padre Casimiro — O Juizo de Deus*. — 176 p., 8.^o
- PEYREBUNE (GEORGE DE) — *Doña Quichotta*. Trad. de Flórbela Espanca Lage. (Romance). — 315 p., 8.^o — 10500.
- REIS MACHADO (AUGUSTO) — *Vida espiritual*. (Compilação de conferências e artigos). — 73 p., 8.^o — 10500.
- RIBEIRO LOPES (ARTUR) — *A Inteligencia na literatura nacional*. Ensaio. — 100 p., 8.^o — 10500.
- SARMENTO DE BEIROS (MAJOR) — *A Cidade do Sol*. Romance metapsíquico. — 203 p., 8.^o — 7500.
- SOLANO (DUARTE) — *Corôa de rosas*. (Versos). — 90 p., 8.^o
- SOUSA COSTA — *Amor 1.^o, o cruel*. Romance duma «caricoca». 310 p., 8.^o — 10500.
- SOUSA SANTOS (ERMELINDA DA VEIGA E) — *Flocos de neve*. (Versos). — 63 p., 8.^o
- VILHENA (FILIPA DE) — *Cada um...* (Sonetos). — 98 p., 8.^o — 10500.

ESTRANGEIROS AMIGOS DAS NOSSAS LETRAS



EDUINO DE MORA

Do corpo diplomático credenciado em Portugal, principalmente do que representa as Repúblicas sul-americanas, muitos amigos das nossas letras tem saído: entre eles aparece, em distinto lugar, o sr. Eduino de Mora, secretario da legação de Cuba em Lisboa. Porque dispomos só de meia dúzia de linhas, não citaremos aqui senão os seus mais salientes serviços lusofílos, embora muitos sejam já. Em 1922, de acôrdo com o escritor Alberto Insúa, seu compatriota, inaugurou, na editorial Renacimiento, de Madrid, uma série de traduções de obras portuguesas para espanhol, das algumas das quais se encarregou a sua brilhante pena, como succedeu com O Deserto, de Manuel Ribeiro, e A Peregrina do Mundo Novo, de Ferreira de Castro. Fundador da revista Hispania, tanto a como nas colonas dos vários periódicos da sua pátria, de que é aqui correspondente, nunca perdeu ensejo de falar dos portugueses, sobretudo dos seus valores mentais, com entusiasmo e carinho. Projecta de reunir em volume todos esses artigos, e oxalá não demore essa colectânea, para ficar bem documentada a amizade grande e inteligente desse nosso hóspede de há cinco anos.

Em Dezembro último, realçou no Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa uma conferência, agora e lida em folheto, que, quer pela forma, quer pelo conceito, merece o qualificativo de notável: intitulou-a El Periodismo en la Política Iberoamericana e mais uma vez ai o sr. Eduino de Mora exprimiu a sua simpatia por Portugal, em palavras repassadas de sinceridade.

- DORNELAS (AFONSO DE) — *Historia e Genealogia*. XIV vol. — 211 p., 8.^o — 100500.
- GONÇALVES CERREJEIRA (DR. M.) — *Notas históricas sobre os ordenados dos lentes da Universidade*. — 68 p., 8.^o
- GONÇALVES JULIO — *Sul de Angola e o quadro da Mongua na epopeia nacional de Africa*. Notas de um expedicionário de 1914 a 1915. — 175 p., 8.^o — 7500.
- MONTEIRO (J.) E SCHWALBACH LUCCI (L.) — *Novo atlas universal*. — VIII, 104 p., 4.^o — 20500.
- SERRAS E SILVA (DR.) — *A sciencia social na educação e na historia*. — 119 p., 8.^o

MEDICINA

- CASTRO FREIRE (LEONARDO DE) — *Um caso de doença de Gaucher*. Estudo clinico e anatómico-patológico. — 53 p., 8.^o, c. III est.
- FERRERIA SOARES (ANTÓNIO C. DE CARVALHO E ARMANDO J. DE CARVALHO) — *Tradições médicas populares da região da Feira*. — 48 p., 8.^o
- LACERDA (DR. TOMÉ DE) — *Actualidades e utilidades médicas*. Medicaciones e processos novos. Primeiro ano. — 1927. — 200 p., 8.^o — 10500.

POLIGRAFIA

- CÂMARA LEITE (MANUEL DA) — *Estudantes de Coimbra no Brasil*. Descrição da viagem ao Brasil da Tuna Académica da Universidade de Coimbra em Agosto de 1925. Ilustrado com 67 gravuras. — 203, XXI p., 8.^o
- CARMO (J. SÉ. PEDRO DO) — *Touros*. (Arte portuguesa). — 200 p., c., capa il. — 9500.

TRADUÇÕES E PUBLICAÇÕES DIVERSAS

Sairam dois volumes novos da *Collecção de hoje*, em feitura lançada a público: *A Mulher que precisa de Amor*, do grande novelista cubano Alberto Insúa, em tradução cuidada de Novais Teixeira; e *Minha Mulher não quer filhos*, do popular romancista francez Clement Vautel, este traduzido pelo p. na illustre dr. Campos Monteiro. Tanto um como outro autor caíram, decididamente, no gosto dos leitores portugueses. Na *Mulher que precisa de Amor*, Alberto Insúa fez uma obra interessantíssima de observação de costumes da vida jornalística e literária e de psicologia feminina. No *Minha Mulher não quer filhos*, Vautel continua a fi gelar a desavrida sociedade parisiense do novo tempo, que, contrariando os preceitos da natureza, desvirtua o amor e leva até pontos extremos a obediência ás doutrinas de Mallarmé.

A *Biblioteca do Lar* apresentou mais dois romances, ambos de Jean Thierry: *O Canto do Gato e Vittima*. Num e noutro se apontam as consequências nefastas do divorcio, através de bom urdidio enredado. Livros excelentes para leitoras, que porus femininas traduziram, post-positivamente, Flórbela Espanca Lage e Aurora Jardim Aranha.

O *Segredo*, da esc. itora mexicana Maria Henriqueta; estudo, comventosissimo, duma vida adolescente. Esta obra foi considerada, pela critica, uma verdadeira obra-prima. Traduziu este romance, que fi alienar o menor colorido literário, o sr. A. Dulce L. de Figueiredo.

Primeiro Amor, de Emmanuel Sey, pertencente á collecção *Biblioteca das Famílias*. Traduziu é de delgado romance, e fi-lo com muito brio, o sr. dr. Mário Gonçalves Viana.

Vagabundos, de Vicente Blasco Ibañez. Novela ampla e bem construída, cheia de dramáticos episódios, do grande escritor espanhol, traduzido, com o esmero devido, pelo sr. dr. Agostinho Lopes.

Lembrança da Feira e Exposição Industrial de Macau, precioso album de aspectos do certame realizado na ilha colonia portuguesa do Extremo-Oriente em Novembro e Dezembro de 1926. Organizou-o o sr. C. A. Almeida. Também recebemos o catalogo dos expositores e outra brochura, muito illustrada e redigida em inglês, fazendo a propaganda daquella nossa possessão ultramarina — *The Portuguese Colony in China*.

Finalmente, apontemos três revistas: *Amigos certos*, sulla bibliozéfico da livraria Civilização, do Porto, cujo numero primeiro appareceu agosta. *Arquitectura*, melhorando o numero para numero e com texto illustrado de muito appreciavel. *Terra Alentejana*, cujo numero três se dedica especialmente á linda villa de Estremoz.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

- ALMEIDA (FORTUNATO DE) — *Historia de Portugal*. Tomo IV (1580-1810). — 548 p., 8.^o
- ARQUIVO DO Conselho Nobiliarquico de Portugal. II vol. — 135 p., 8.^o, c. est. e grav. — 40500.
- BAIÃO (DR. ANTÓNIO) E LARANJO GOELHO (DR. P. M.) — *Quadros sinopticos histórico-literarios de Portugal*. I — Chefes de Estado, seus retratos e factos notáveis da sua época. — 12500.

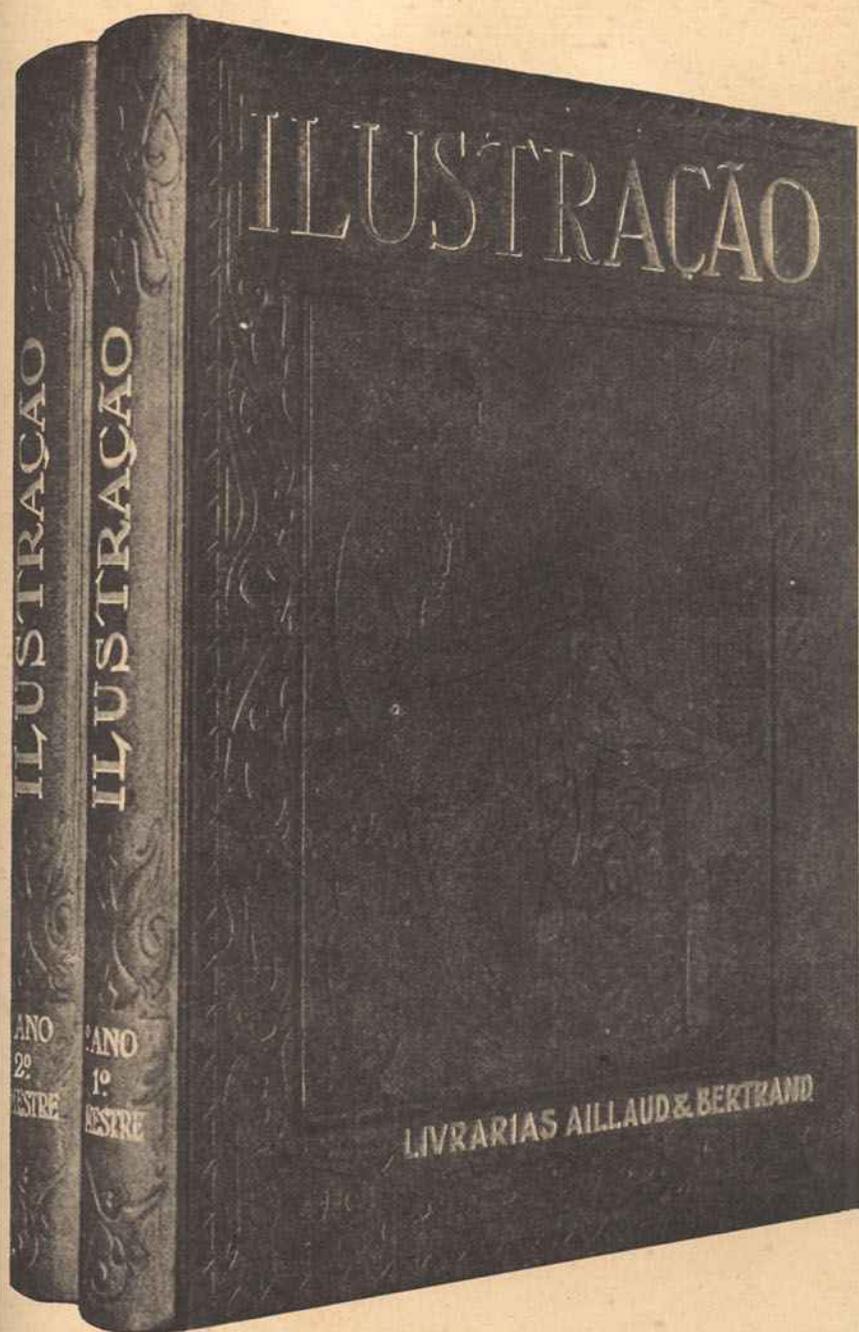
As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações ás consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA "ILUSTRAÇÃO"

	Trimestre	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS ..	Escudos 22500	Escudos 44500	Escudos 88500
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL ..	" 25000	" 50000	" 100500
INDIA, MACAU E TIMOR ..	" 27500	" 54500	" 108500
ESPAÑA ..	" 45000	" 90000	" 180000
ESTRANGEIRO ..	" 32500	" 64500	" 128500

Capas para Encadernação

DA



1.º ANO

2 VOLUMES

1.º e 2.º Semestres

Cada volume
encadernado

ESC. 68\$00

Capa em percalina
com ferros especiais
para cada volume

ESC. 12\$00

Capa
e encadernação
(cada volume)

ESC. 20\$00

• • •

Pedidos aos editores:

LIVRARIAS

AILLAUD

E BERTRAND

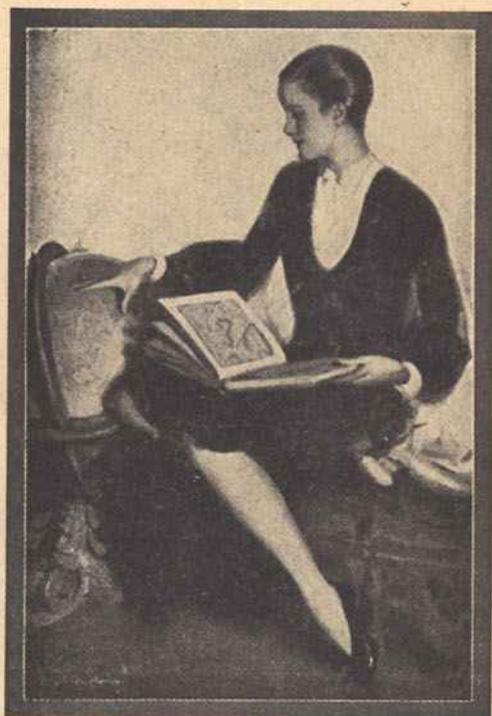
73, Rua Garrett, 75

LISBOA

Todos os colecionadores e assinantes da «ILUSTRAÇÃO» que queiram encadernar os 2 volumes, devem remeter à redacção, Rua Anchieta, 25 — Lisboa, os números 1 a 12 para o 1.º volume, e os números 13 a 24 para o 2.º volume.

Os volumes devem ser encadernados com as páginas dos anúncios e respectivas capas de brochura.

Leiam todos



O

MAGAZINE
BERTRAND
LEITURA PARA TODOS

Unico
no seu género
em Portugal

Acaba de publicar-se

O 4.º Número